

ISSN 0103-3786

TRANS *in* **FORMAÇÃO**

1993, Volume 5, Números 1/2/3
Janeiro/Dezembro

TRANS *in* **FORMAÇÃO**

PÓS-GRADUAÇÃO E INFORMAÇÃO

TRANS *in* **FORMAÇÃO**

**Departamento de Pós-Graduação
Faculdade de Biblioteconomia
Pontifícia Universidade Católica
Campinas**

TRANS *in* **FORMAÇÃO**

VOLUME 5 - NÚMEROS 1/2/3
JANEIRO/DEZEMBRO - 1993

ISSN 0103-3786



departamento
pós-graduação
biblioteconomia

 PUKCAMP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler

Dom Gilberto Pereira Lopes

Reitor

Gilberto Luiz Moraes Selber

Vice-Reitor Administrativo

Alberto Martins

Vice-Reitor Acadêmico

Pe. José Benedito de Almeida David

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Diretora

Edilze Bonavita Martins Mendes

Vice-Diretora

Raquel Maria de Almeida Prado

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenadora

Else Benetti Marques Válio



TRANSFORMAÇÃO

- PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL -

CONSELHO EDITORIAL

Geraldina Porto Witter (Presidente)
Solange Puntel Mostafa
Maria de Cléofas Faggion Alencar
Elizabeth Marcia Martucci
Cecília Carmen Cunha Pontes
Else Benetti Marques Válio

CORPO EDITORIAL

Cecília Carmen Cunha Pontes (PUCCAMP)
Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP)
Elizabeth Marcia Martucci (EBDESC)
Fernando C. Prestes Mota (FGV)
Geraldina Porto Witter (USP - PUCCAMP)
Hagar Espanha Gomes (UFF)
João Francisco Régis de Moraes (UNICAMP)
José Luiz Sigrist (UNICAMP)
José Marques de Melo (ECA/USP)
Leila Zerlotti Mercadante (UNICAMP)
Maria de Cléofas Faggion Alencar (PUCCAMP)
Samuel Pfromm Neto (IP/USP - PUCCAMP)
Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP)

CONSULTORIA "AD HOC" PARA ESTE NÚMERO

Dinah Aguiar Población

Revisão de Língua: Else Benetti Marques Válio

Capa: Telma Cristina Witter

Copyright by TRANSFORMAÇÃO

A citação de partes de matéria publicada nesta revista (até 200 palavras) é livre, desde que seja citada a fonte.

ENDEREÇO

TRANSFORMAÇÃO

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PUCCAMP
Rua Waldemar César da Silveira, 105 - Swift
Telefone (0192) 32-3163 - Fax. (0192) 34-4501
13045-270 - CAMPINAS - SP - Brasil



TRANS *in* FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL
Vol. 5, Nºs 1/2/3, janeiro/dezembro de 1993

SUMÁRIO

EDITORIAL 9

TEMAS EM DEBATE: PÓS-GRADUAÇÃO E INFORMAÇÃO

El pósgrado en información 15

Judith Licea de Arenas

Ciência da Informação na Pós-graduação: nas trilhas do desafio ... 23

Else Benetti Marques Válio

ARTIGOS

Reply to Alvin Schrader on the domains of the Information Science 31

Solange Puntel Mostafa e Eduardo I. M. Maranon

Comunicação informal do corpo docente da universidade federal do Piauí	43
Maria das Graças Targino M. Guedes	
Antônio Teixeira de Barros	
Internet: Novas perspectivas para a biblioteca no ciberespaço ...	72
Maria Luiza Fontenelle Dumans	
A Leitura no summary of investigations relating to reading (1986-1991)	80
Geraldina Porto Witter	
Leitura - Um caminho para a cidadania	90
Raimunda Ramos Marinho	

RESENHAS

Paulo Freire por Paulo Rosas	97
Geraldina Porto Witter	
Diversas formas de discutir linguagem	99
Marta Alves de Souza	
Professor: Mediocre ou Mediocrizado	103
César Augusto Castro	

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

As bibliotecas no Annual Summary of investigations relating to reading (1991-1992)	109
Pesquisas em andamento no curso de pós-graduação em Biblioteconomia da Puccamp	113
Dissertações de mestrado defendidas e aprovados no curso de Pós-graduação em Biblioteconomia da Puccamp 1993	116



TRANS *in* FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL
Vol. 5 N^{os} 1/2/3, january/december, 1993

CONTENTS

Editorial 09

CONTEXT: Postgraduation and Information

Postgraduation in Information 15
Judith Licea de Arenas

Information Science Postgraduate Program: Facing the challenges . 23
Else Benetti Marques Válio

ARTICLES

Reply to Alvin Schrader on the domains of the Information
Science 31
Solange Puntel Mostafa e Eduardo I. M. Maranon

Informal communication of academics from federal university of Piauí	43
Maria das Graças Targino M. Guedes Antônio Teixeira de Barros	
Internet: new perspectives to the library in the cyberspace	72
Maria Luiza Fontenelle Dumans	
Reading in the summary of investigations relating to reading (1986-1991)	80
Geraldina Porto Witter	
Reading - path to citizenship	90
Raimunda Ramos Marinho	

REVIEWS

Paulo Freire by Paulo Rosas	97
Geraldina Porto Witter	
The various ways of discussing language	99
Marta Alves de Souza	
The Teacher: "Mediocre" or "Mediocrizado"	103
César Augusto Castro	

RESEARCHES COMMUNICATION

Libraries in the Annual Summary of Investigations relating to reading (1991-1992)	109
Researches in progress at the Postgraduation course in library science of Puccamp 1993	113
Master Dissertations presented at the Postgraduation course in library science of Puccamp 1993	116

EDITORIAL

É o quinto ano de nossa **TRANS-IN-FORMAÇÃO**.

A proposta inicial de três números anuais tornou-se um sonho. Juntamos números e assim publicamos ano a ano. Chegamos ao vol. 5, 1993!

Nem toda a intenção do trabalho foi efetivada. O tempo teceu seus fios, que se emaranharam e nem todos foram desfeitos. Mas até o final de 1995, atualizaremos a revista.

Acreditamos que, nesses cinco volumes, a editoração da TRANS-IN-FORMAÇÃO zelou pela qualidade do conteúdo acadêmico. A revista acadêmica guarda em si, pela própria natureza de proposta, questões que precisam ser resolvidas de imediato. E isto o Corpo Editorial procurou sempre cumprir.

Neste volume, apresentamos dois artigos temáticos, que focalizam a Ciência da Informação na Pós-Graduação, tencionando mostrar a realidade mexicana e uma realidade brasileira.

Artigos de pesquisa, resenhas, comunicações de pesquisas completam a estrutura formal que se quer manter.

A publicação de revista é um trabalho árduo que exige o esforço de equipe, objetivando o diálogo permanente entre os pares e entre a Universidade e a Comunidade.

Else Benetti Marques Válio

AUTORES: pela ordem dos textos

JUDITH LICEA DE ARENAS - Doutora, docente e pesquisadora da Facultad de Filosofia y Letras, Universidad Nacional Autonoma de México, México.

ELSE BENETTI MARQUES VÁLIO -Doutora, docente e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia, Departamento de Pós-graduação, PUCCAMP.

SOLANGE PUNTEL MOSTAFA - Doutora, docente e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia, Departamento de Pós-graduação, PUCCAMP.

EDUARDO ISMAEL MURGUIA MARANON - Mestre em Biblioteconomia (PUCCAMP) e Doutorando da Faculdade de Educação da UNICAMP.

MARIA DAS GRAÇAS TARGINO M. GUEDES - Doutoranda da Universidade de Brasília, docente e pesquisadora da Universidade Federal do Piauí.

ANTÔNIO TEIXEIRA DE BARROS - Oficial de chancelaria/MRE. Mestrando em Comunicação Social na UNB.

MARIA LUIZA FONTENELLE DUMANS -Mestre em Biblioteconomia, Emory University, Atlanta, GA., USA; Professora do Departamento de Bilbieteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo.

GERALDINA PORTO WITTER - Livre-docente, docente e pesquisadora da Faculdade de Biblioteconomia e do Instituto de Psicologia da PUCCAMP.

RAIMUNDA RAMOS MARINHO - Bibliotecária da EMBRAPA e mestranda do Departamento de Pós-graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP.

TEMAS EM DEBATE:
PÓS-GRADUAÇÃO E INFORMAÇÃO

EL POSGRADO EN INFORMACIÓN

Judith Licea de Arenas*

RESUMEN

En América Latina, la educación en información está atravesando por un proceso de deterioro debido a que los currícula no han evolucionado al mismo ritmo que la producción de conocimientos en el área. En consecuencia, la formación de profesionales de la información se encuentra orientada hacia prácticas decadentes pese a las demandas de los empleadores. Los estudios de posgrado requieren de la incorporación de las prácticas profesionales emergentes que ya hacen falta a fines del siglo XX. De esta manera, el perfil del egresado debe dirigirse hacia el desarrollo de capacidades que permitan que el posgraduado se desenvuelva en un nuevo sistema económico y una sociedad del siglo XXI.

Palavras-chave: Posgrado. Educación en información. Formación de profesionales de la información.

INTRODUCCION

El modelo francés o napoleónico bajo el cual se construyó la universidad latinoamericana cambió el concepto de universidad que, aunque deficiente, existió durante el periodo colonial.

Dicho modelo no sólo favoreció una estructura profesionalizante sino que dio una importancia exagerada a las carreras profesionales. La Reforma de Córdoba, que si bien fue el primer cuestionamiento a la universidad latinoamericana moderna, dejó prácticamente intacta la cátedra y la enseñanza profesional (1).

La investigación, por ejemplo, tuvo que esperar varias décadas para que se generalizara su institucionalización y se

(*) Docente da Facultad de Filosofía y Letras Universidad Nacional Autónoma de México, México.

profesionalizara la actividad científica. Tunnerman (2) señala que al interior de las propias universidades se imponen una serie de limitaciones las cuales, entre otras cosas, impiden que se desarrolle la práctica científica, a saber:

- su propia estructura profesionalizante,
- la preponderancia de la cátedra unipersonal,
- la escasez de profesores de dedicación exclusiva,
- el recargo de labores docentes sobre los pocos profesores de dedicación exclusiva,
- el poco dominio de los métodos de investigación y vigencia de los métodos tradicionales,
- limitación de recursos financieros y materiales, incluyendo la pobreza o desorganización de las bibliotecas,
- falta de estímulos adecuados para alentar las vocaciones científicas,
- deficiente reglamentación de la carrera docente,
- falta de coordinación dentro de la universidad, de la limitada investigación que se lleva a cabo en ella,
- predominio de la investigación de tipo unidisciplinario,
- falta de vinculación de los temas a investigar con las prioridades que exigen los problemas nacionales, y tendencia a investigar temas en boga en los países avanzados, llegándose en casos extremos a la simulación de modas y estilos extranjeros, pobreza pues, en pocas palabras de adecuación y autenticidad,
- falta de 'masa crítica' capaz de sustentar un ambiente de investigación. A pesar de los años transcurridos desde el Manifiesto de Córdoba, la universidad latinoamericana ha conservado la separación entre facultades y escuelas y centros e institutos de investigación a causa de su propia estructura orgánica. También, ha continuado con las limitaciones a las que alude Tunnerman.

FORMACION A NIVEL DE LICENCIATURA

La enseñanza, la investigación y la difusión de la cultura, las tres funciones sustantivas de la universidad de América Latina (3),

son fundamentales para el desarrollo institucional y constituyen la razón de ser de la misma. Así, ésta tiene la responsabilidad de dar respuesta a las funciones de la educación superior para asegurar su eficiencia interna y satisfacer los requisitos que se le piden a sus egresados desde el exterior.

La oferta de personal especializado en información, a nivel de licenciatura debe, en consecuencia, estar relacionada con la demanda social con el fin de evitar los desajustes que se presenten en el mercado de trabajo ante una oferta deficiente.

De un análisis de las prácticas profesionales de los distintos niveles de formación se advierte que el licenciado, de acuerdo con la división del trabajo, maneja las tecnologías vigentes para aumentar la eficiencia de los servicios de información que se brindan a los distintos grupos de usuarios. El posgraduado en información, a través de una formación escolarizada genera conocimiento, es decir, se le forma para que adopte y reproduzca un modelo de producción de conocimiento.

El posgrado en información debe verse como la vinculación entre los problemas nacionales y la formación de personal de alta calidad que contribuya, con su capacidad, a solucionar dichos problemas a través de métodos de investigación. El estudiante debe participar en la generación de conocimiento aprendiendo a hacer investigación científica mediante su incorporación al proceso de trabajo.

El que hacer científico en el área se justifica plenamente dado que el desarrollo de los servicios de información depende del conocimiento de nuevos métodos, nuevos fenómenos, nuevos datos y nuevos conceptos para lograr producir conocimiento original. Es decir, la bibliotecología y la ciencias de la información avanzan porque el sentido común ya no tiene cabida y porque por medio de la práctica científica se conocen propiedades, comportamientos, flujos, medios y usos de la información.

Desde que se inician los estudios en bibliotecología y ciencias de la información, los cuales han coexistido en algunos casos, éstos han estado orientados hacia un número finito de actividades a desarrollar durante el proceso de trabajo en un número finito de instituciones (4). El proceso de trabajo, que es el principal orientador cuando se intenta identificar el concepto de práctica profesional, que a su vez corresponde a la división técnica del trabajo, ha permitido observar que las prácticas profesionales decadentes son las predominantes.

El desarrollo científico, que permitió el surgimiento de tecnologías que conforman las nuevas estructuras de productividad en las actividades de la información, evidencia la caducidad e irrelevancia de los currícula de los estudios profesionales y de posgrado vigentes. En los currícula no se contempla que tanto en la bibliotecología como en las ciencias de la información aparecen, periódicamente, nuevas áreas de estudio y ocurren, de manera sistemática, cambios en las áreas de estudio tradicionales. Es así que los currícula deben orientarse hacia las prácticas profesionales emergentes que se encuentran íntimamente relacionadas con el conjunto de adelantos tecnológicos de la tercera revolución de la ciencia y la tecnología, adelantos que requieren de una mano de obra inteligente, capaz de relacionarse con la tecnología que ha invadido el mercado en el último quinquenio. Es en el llamado sector cuaternario de la economía donde el trabajo intelectual del profesional de la información debe desarrollar nuevas capacidades de productividad al disponer de nuevas herramientas y a la existencia de nuevos procesos y productos de la industria del conocimiento que establece nuevos perfiles del trabajo profesional antes desconocidos e impensados.

Las reformas profundas a los currícula, planes de estudios y unidades de enseñanza-aprendizaje deben estar orientadas hacia la formación de profesionales de la información acordes con la nueva división del trabajo, hacia el manejo de las abstracciones de los procesos lógico-linguísticos, hacia la aplicación de las tecnologías disponibles y hacia la comprensión y utilización del lenguaje de la ciencia. El perfil de los egresados debe caracterizarse por demostrar una formación científica, una capacidad de adaptación al sistema económico que surge, una capacidad empresarial para la venta de sus servicios y una capacidad innovadora y creativa que demandará la sociedad del siglo XXI.

EL POSGRADO

Las instituciones de educación superior, para impulsar la formación de profesionales que se adecuen a una sociedad en cambio permanente y se comprometan a contribuir a la modernidad de la sociedad, deben responsabilizarse de la formación de recursos humanos de alto nivel a través de la educación de posgrado, la cual

es una parte importante de sus funciones universitarias. La bibliotecología y las ciencias de la información como profesiones y como actividades productoras de conocimiento deben formar a sus trabajadores intelectuales para atender las necesidades de investigación y de docencia de las instituciones. El curriculum, plan de estudios y programas docentes deben lograr que sus objetivos alcancen, a través de una estrategia de integración y coherencia, la calidad educativa y la vinculación de la actividad de investigación científica. También, que con el cambio se pueda hacer una práctica en un modelo educativo que favorezca la creatividad y que su tránsito por éste muestre posibilidades de flexibilidad con lo cual se estaría manifestando la vocación de las nuevas universidades como instituciones de innovación académica donde su fin último sería lograr formar individuos en las concepciones actuales de modernidad y con los más altos valores académicos.

Para alcanzar los propósitos hasta aquí descritos se requiere de la justificación de un proyecto que modifique el estado actual de cosas. Los estudiantes de posgrado del futuro deberán tener una oferta educativa que les permita identificar las relaciones que existen entre las diversas áreas que conforman la bibliotecología y las ciencias de la información, cuyos resultados podrían tener la orientación interdisciplinaria de lo que hoy se conoce como bibliotecología y ciencias de la información (5). Para ello, un proyecto educativo de posgrado debe señalar con amplitud el propósito de las principales líneas de investigación que permitan a los estudiantes tener concepciones del mundo de los problemas globales de la bibliotecología y las ciencias de la información y una amplia cultura científica, ya que en éstas líneas de investigación es donde se pueden alcanzar habilidades de construcciones teórico-ideológicas que demanda la modernidad (6).

Las diferencias significativas se logran en un nuevo curriculum cuando el plan de estudios, por sus características estructurales y fines no mantiene en forma permanente una oferta de ampliación de la licenciatura.

Otro aspecto del plan y programas es el concepto de seminario. Un seminario del posgrado debe ser la base del desarrollo de la investigación y su intención es lograr, a través de revisiones y artículos de investigación, configurar los límites de la frontera del conocimiento.

PERFIL DEL EGRESADO

Si tomamos en consideración las aspiraciones antes descritas, el perfil del egresado de posgrado en bibliotecología y ciencias de la información debería reunir los siguientes requisitos:

- conocimiento de las principales teorías de las ciencias de la información y la modernidad en la bibliotecología,

- comprensión de la forma como se relacionan las teorías de las ciencias de la información con sus métodos y técnicas de investigación,

- capacidad para identificar problemas relevantes, demostrando que se aprendió a distinguir cuáles son las preguntas correctas para llegar a comprender las causas de los fenómenos en esta área,

- capacidad para analizar críticamente la información, los medios para obtenerla, su calidad y el ordenamiento de la misma,

- capacidad para desarrollar investigación con enfoques interdisciplinarios y multidisciplinarios,

- capacidad para comunicar los resultados de investigación en diferentes medios y circunstancias,

- capacidad para ejercer funciones de dirección en la práctica profesional.

MERCADO DE TRABAJO

La reforma de los sistemas económicos que tienen su base en la modernización financiera y del comercio hace percibir la existencia de un amplio grupo de instituciones del sector privado que van a requerir de posgraduados que sepan resolver problemas de su área, por lo cual, ya se ha gestado un nuevo perfil para graduados de maestría y doctorado al ponerse en operación un sistema moderno de la economía. Si las universidades no desarrollan un nuevo curriculum del posgrado, es posible que éste llegue a extinguirse por ausencia de demanda de la actual oferta educativa si es que no contempla su adecuación al nuevo modelo económico que propicia el desarrollo de un aparato productivo claramente orientado hacia la competencia

internacional. Las primeras evidencias de este mercado son las ofertas de empleo que empresas privadas de financiamiento como casas de bolsa o despachos de consultoría han hecho a egresados que han tenido que hacer aprendizajes en los procesos de trabajo.

PROFESORADO

Las distintas corrientes de las ciencias sociales que estudian el cuerpo docente de la universidad centran su hipótesis en que en los últimos veinte años ha privado una práctica de improvisación para la integración de los cuerpos de profesores en los posgrados. Estos profesores se caracterizan por atender, primero, sus compromisos de dirección administrativa y burocrática y, después, como actividad secundaria, la práctica de dar clases por tiempos limitados y no estar vinculados al trabajo de la investigación. Una reforma al plan de estudios y su curriculum en el proyecto de posgrado debería considerar una reforma radical en la estructura del cuerpo docente que, de preferencia, debería integrar una comunidad de investigadores a tiempo completo, y que sus objetos de estudio ofrecieran una o dos líneas de investigación con un futuro en el uso de resultados de investigación, con lo cual se subsanaría la falta de una masa crítica porque esta comunidad científica favorecería la formación de investigadores, la vinculación de la investigación con los estudiantes de posgrado y se alcanzarían los objetivos y metas de un nuevo plan de estudios y un curriculum que pudieran impulsar la generación de conocimientos como un producto del trabajo asociado entre estudiantes de posgrado y profesores- investigadores de esta comunidad científica a tiempo completo.

LA INFORMACION COMO APOYO EN LA FORMACION DE POSGRADUADOS

En la bibliotecología y en las ciencias de la información se está dando una diversificación, evolución, crecimiento constante y surgimiento de nuevas áreas de estudio. La literatura científica en el área también está en aumento y su calidad es cuidada por revisores que evitan la aparición de literatura sin calidad que pudiera retardar el avance de las mencionadas áreas. De tal suerte, en el posgrado el

estudiante debe aprender a juzgar la calidad de la literatura y, en consecuencia, a eliminar aquella que sea repetitiva e intrascendente. Las listas de lecturas de cursos y seminarios, si bien no deben limitar al estudiante a ellas, sí deben ser su punto de partida.

REFERÊNCIAS

1. Manifiesto de la juventud universitaria de Córdoba 1918. En RODRIGUEZ DE MAGIS, M E. **La reforma universitaria de Córdoba en 1918 y su vigencia**. México : UNAM, 1972, p. 6-12.
2. TUNNERMAN, C. **La investigación en la universidad latinoamericana**. San José, Costa Rica : Confederación Universitaria Centroamericana, 197- , p. 15-16.
3. ORTEGA Y GASSET, J. **Mission of the university**. London: Keagan Paul, 1946, p. 48.
4. VAKKARI, P. Opening the horizons of expectations. En **Conceptions of library and information science**. London : Taylor Graham, 1992, p. 1-4.
5. SMITH, L. C. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and information science as an interdisciplinary field. En **Conceptions of library and information science**. London: Taylor Graham, 1992, p. 253-267.
6. SARACEVIC, T. Information science: origin, evolution and relations. En **Conceptions of library and information science**. London: Taylor Graham, 1992, p. 5-27.

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO: nas trilhas do desafio

Else Benetti Marques Válio*

RESUMO

VÁLIO, E. B. M. Ciência da Informação na Pós-Graduação: nas trilhas do desafio.

Trans-in-formação, 5 (1,2,3), 1993.

A partir da discussão da história da Pós-Graduação no Brasil, analisa a política de pesquisa em cursos de Pós-Graduação, em Ciência da Informação.

Palavras-chave: Pós-Graduação em Ciência da Informação. Pesquisa na Pós-Graduação. Política de pesquisa.

Começo esta reflexão procurando na história da Pós-Graduação no Brasil, capinando no texto de GRACELLI & CASTRO (1985), as raízes desse nível de ensino para poder entender o caminho traçado pela Ciência da Informação na academia.

A história da Pós-Graduação brasileira inicia-se um século depois da Pós-Graduação norte-americana e distingue-se por três momentos: as décadas de 50 e 60 caracterizam o primeiro período, que visou essencialmente a formação do pessoal docente das Universidades; o período intermediário foi o que realmente criou e implantou os Programas de Mestrado e Doutorado e, por último, nos anos 80, aconteceu o amadurecimento da pesquisa.

A definição dos objetivos da Pós-Graduação foi determinada pela lei 5.540/68, que assim expressa:

(*) Docente do Depto. de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação da PUCCAMP.

"a) formar professores para o ensino superior: b) preparar pessoal de alta qualificação para as empresas públicas e particulares; estimular estudos e pesquisas que sirvam ao desenvolvimento do país" (GRACELLI & CASTRO, p. 190).

Esses objetivos, na verdade, manifestaram as diretrizes das políticas da Pós-Graduação implantadas no país, endereçando inclusive para os destinos do desenvolvimento científico e tecnológico.

Em sendo esse o pleito da Pós-Graduação, pergunto quais são as questões que foram engendradas pela comunidade universitária para estabelecer-se uma política de pesquisa que realmente atenda aos anseios da academia e da sociedade? Se a expectativa de definição de políticas foi colocada nas mãos dos docentes pesquisadores e essa postura exige respostas a questões temáticas, como elas podem ser alcançadas no isolamento da pesquisa e do ensino individual dos acadêmicos da Ciência da Informação? Que mecanismos de política e de ensino as universidades públicas e, nós, das universidades particulares, temos gerado o conhecimento para podermos co-participar das políticas governamentais de promoção da ciência e tecnologia? Como a tão esperada Lei de Diretrizes e Bases enfoca a participação da comunidade acadêmica?

Para responder tais questões, assumo primeiramente o conceito de universidade como sendo "um lugar de criação, preservação e transmissão de conhecimentos científicos, cabendo-lhe também, atualmente, a preparação de profissionais altamente qualificados" (DALLARI, 1985, p. 7). Acrescento dizendo que a competência da universidade é a formação de profissionais capacitados, a da Pós-Graduação, altamente capacitados, tanto no aspecto acadêmico como no empresarial.

Para a formação de mestrandos e doutorandos, as universidades oficiais e as particulares têm recebido das agências de fomento: FINEP, CAPES, CNPq e FAPESP (em nosso Estado) financiamento para as pesquisas.

A FINEP foi estabelecida para financiar projetos de grande porte, dos quais participam grupo ou grupos de pesquisadores de mesma área ou de áreas afins. As outras agências têm concentrado, ultimamente, suas políticas de distribuição de benefícios também nos projetos integrados de pesquisa. Se por um lado tais políticas facilitam a interação entre os pesquisadores, por outro têm cerceado a escolha dos temas a serem investigados, uma vez que as agências vêm estabelecendo prioridades quanto as áreas de pesquisa.

Desse modo pode-se dizer que a política governamental direcionou a pesquisa no país para os estudos interdisciplinares.

Esse procedimento, embora restrito a determinadas prioridades, cumpriu uma postura já previsível em "La Condition postmoderne", de Lyotard, de 1979, no momento em que os "diferentes diagnósticos disciplinares recebem uma confirmação interdisciplinar" (CONNOR, 1992, p. 14)

Como se nota, o momento do docente pesquisador é de canalizar a produção do saber para os estudos interdisciplinares, pois pesquisas acadêmicas e atividades de ensino na Pós-Graduação não podem ignorar as políticas das agências de fomento, pois sem elas nenhum Programa de Mestrado ou Doutorado, seja ele oficial ou particular, sobreviverá. E no meu olhar, o procedimento mais correto para a aquisição e produção de conhecimentos na universidade está fundamentalmente nos estudos interdisciplinares.

Se coloco como princípio básico que as exigências do momento, com relação ao **fazer o saber** desse fim de século, estão pontuadas pelos multiângulos de visões das diferentes áreas do conhecimento, como, então, caracteriza-se neste contexto a Ciência da Informação?

Quero crer que a busca e a produção de conhecimentos, hoje, não podem ser desenvolvidos e alcançados se um único pesquisador ou pesquisadores de mesma área pretendem dar conta de todo o saber de uma determinada indagação a ser perseguida. A interdisciplinaridade, portanto, não se restringe à soma de conhecimentos resultante de adição de partes, mas se apresenta como o global, o específico, o conjunto de toda a sintaxe de integração de cada disciplina. Dentro desse ponto de vista, como entender as atividades interdisciplinares nos Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação?

A resposta pode ser encontrada nas palavras de SILVA FILHO (1992, p. 141), quando afirma que "O trabalho interdisciplinar nas universidades é indispensável, antes de tudo, porque os problemas reais e concretos são interdisciplinares" e complementa sua posição dizendo que "estimular e organizar atividades interdisciplinares" é preciso "porque essa é uma imposição do extraordinário avanço dos conhecimentos científicos e tecnológicos nas últimas décadas".

No caso específico da Ciência da Informação, nada mais real do que a interdisciplinaridade ser o modo de produzir-se o conhecimento na área.

A discussão sobre ser a Biblioteconomia ciência (abro aqui um parêntese) já ocupou páginas de revistas e livros, como mostra ARAÚJO (1991). Citando análise de vários autores, a Autora reconhece que a Biblioteconomia "é carente de teorias e métodos científicos de pesquisas", compreendendo, portanto, ser "um conhecimento em construção" (p. 27). Assim, busca em outras áreas do conhecimento teoria e técnicas para construir seu próprio referencial teórico e metodológico. Esse modo de ser ciência, no entanto, considero uma virtude das ciências sociais por poder ter esse enriquecimento e essa possibilidade de ser interdisciplinar.

Se, como diz VARGAS (1994), "a comunidade científica e tecnológica - representada por universidades, centros de pesquisa e de desenvolvimento públicos e privados, bibliotecas, indústrias, escolas etc. - passa a usufruir ferramentas que lhe permitem tonar disponíveis os seus produtos e serviços de informação" e se o objeto de estudo da Biblioteconomia e Ciência da Informação é a própria informação, esta é a área por excelência para gerenciar esses produtos e recursos (GRI) na multidisciplinaridade de conhecimentos.

Acredito ser justamente essa a possibilidade da Ciência da Informação romper com os redutos de isolamento que poderá produzir, através de posturas conjuntas, marcadas pela interdisciplinaridade, o conhecimento científico e tecnológico. É, portanto, urgente firmar fortemente a presença universitária em blocos interdisciplinares, tanto nas atividades de ensino como nas de pesquisa. Com essa atitude é bem possível conjugar para os cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação um maior interesse do governo federal às questões da área.

Aqui não estou propondo um patrulhamento da área, mas tão somente um posicionamento acadêmico-político da Ciência da Informação.

Quanto ao desenvolvimento do ensino, sugiro que os currículos fechados em disciplinas obrigatórias sejam revistos. Se acreditamos em crescimento acadêmico na garantia interdisciplinar para a viabilização da ciência brasileira e crescimento industrial e empresarial, a meta a ser perseguida coloca as atividades de interface das ciências em primeiro plano, sedimentando o cumprimento de

programas interdisciplinares, oferecidos em cada um dos cursos da Ciência da Informação.

Com esse ponto de vista, e é por ele que defendo essa minha fala, o corpo docente dos Programas de Pós-Graduação precisa refletir sobre a estrutura de seus currículos, muitas vezes fechados em disciplinas obrigatórias, deixando a eleição de optativas restrita a um rol de poucas, ainda departamentalizando o conhecimento. Tal procedimento pode limitar a liberdade de opção do orientador e orientando. Questões de pesquisa, às vezes, demandam de mestrandos e doutorandos formação multidisciplinar que as experiências de graduação de uma determinada área de conhecimento e aquelas que possam ter sido vivenciadas no desempenho da profissão não conseguem atender. É no espaço, por excelência, da Pós-Graduação que a prática da pesquisa multidisciplinar pode ser efetiva.

A pretensão não é de formar um profissional generalista, mas docentes/pesquisadores competentes, que possam articular temas de pesquisas com as diferentes áreas do conhecimento. Profissionais que saibam entender e estabelecer a diversidade de interfaces em especialidades do saber e consigam desenvolver projetos integrados interdisciplinares.

O objeto de pesquisa é multifacetado. Os estudos de Inteligência Artificial têm envolvido equipes de lingüistas, psicólogos, analistas de sistemas, cientistas da informação, biofísicos, médicos, bioquímicos e outros mais profissionais, certamente.

A área da Ciência da Informação completa-se em trabalhos com profissionais da Sociologia, da Psicologia, de Letras, e tem buscado também na Educação, na Informática, na Administração, na Psicolingüística (e outras) a aprendizagem conjunta indispensável às atividades acadêmicas.

Por não ter tido informações analíticas sobre o problema emergente que ora me domina, pergunto, e deixo como desafio, para respondermos juntos, se a premência de estudos interdisciplinares nos Programas de Pós-Graduação é causa ou conseqüência do próprio avanço das ciências e da tecnologia hoje? E se uma prática efetiva de atividades acadêmicas multidisciplinares poderá auxiliar o desenvolvimento científico e tecnológico do país?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. (1991) A subjetividade enclausurada - o discurso científico na biblioteconomia. **Informação e Sociedade: estudos**. UFPA, Deptº de Biblioteconomia e Documentação, v. 1, n. 1.
- CONNOR, Steven. (1992) **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo, Loyola.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. (1985) Universidade, Estado e Autonomia. **Ciência e Cultura**, SBPC, v. 37, n. 7, julho.
- GRACELLI, Aldemir & CASTRO, Claudio de Moura. (1985) O desenvolvimento da pós-graduação no Brasil. **Ciência e Cultura**, SBPC, v. 37, n. 7, julho (Suplemento), p. 188-201.
- SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo e. (1992) Lições e problemas da universidade (Entrevista). **Estudos Avançados**, USP, v. 6, n. 15, pp. 131-45.
- VARGAS, José Israel. (1994) A informação e as redes eletrônicas. **Ciência da Informação**, IBICT/CNPq, v. 23, n. 1, jan/abr., p. 7-8.

ABSTRACT

VÁLIO, E. B. M. Information Science Postgraduate Program: facing the challenges.

Trans-in-formação, 5 (1, 2, 3), 1993

This paper analyses the research police in Information Science Postgraduate Program, from the discussion of the Postgraduate history in Brazil.

Key-words: Information Science Postgraduate Program. Postgraduate research. Research police.

REPLY TO ALVIN SCHRADER ON THE DOMAINS OF THE INFORMATION SCIENCE

Solange P. Mostafa *
Eduardo I. M. Maranon**

RESUMO

MOSTAFA, S. P. Reply to Alvin Schrader on The Domains of The Information Science.

Trans-in-formação, 5 (1,2,3) -, 1993.

Discute falácias na conceituação e delimitação de um campo de ação.

Palavras-chave: Conceito. Teoria da Ciência da Informação.

The title by SCHRADER (1) "The domain of Information Science: problems of conceptualization and consensus building" is quite encompassing as it expresses two paradigmatic issues on the identification of the purpose of Information Science, as a matter of fact, the purpose of all sciences: I -The conceptualization; II - The consensus.

Ever since Adam men have never ceased to name things and the rest of the time, to destroy them to see what they look like inside (2). Those gestures are given the name of lovely metaphors, theory and practice. Or analysis and synthesis.

* Full Professor of the Post Graduation Department on Science information of PUCCAMP.

** Candidate for a Ph.D. in Education - UNICAMP.

It is impossible to master something by the name given to this something, although since Adam, passing through the ancient Greeks and the Medieval priests, then through British empiricism and French rationalism until Kantian synthesis is reached in the 18th Century, it has always been thought that to master something was to describe this something in its constitutive parts.

Such description varies historically: classical metaphysics (Greek and Medieval) rise a major dispute on the name of things - the dispute of the Universalists - while Modernity launched by Descartes and consolidated by Kant, introduced a new manner of naming based upon an experimental concept.

Hegel transformed all this when attributing dominion of the thing not to the name of all things in the world but on how names are related with themselves. For Hegel, concept is relation. That is: a table to be a table must reject itself as table, for at this moment of denial the table might perceive the chair and only then re(build) itself as table. The principle of identity had forever been the foundation of conceptualization, until Hegel, when this principle of identity was replaced by the principle of contradiction. The table **is and is not** at the same time and under the same semblance what it is.

PART I - CONCEPTUALIZATION

It is important to conceptualize the world. Man speaks. When I say man I am already conceptualizing. Therefore, concept is worded by the mouth of the universal: specific is worded by the mouth of the universal. However, the universal is only important for analysis, classification, division and comparison. Dominion of the object will only be total upon return of the universal to the specific because, as Marx has proven already (3), the general serves only not to let differences go unnoticed. It is the specific which explains why only within it the universals become manifest. The universals in turn can only be understood by means of the specifics.

The interplay universal-specific must then be historized for one as well as the other are historical, that is, they come into being

in a definitive time and space and not at any time and space. As Marx explains, **even the more generic categories are historical**, that is to say, they are categories produced by the social relationships of each historical moment.

The ancient Greek and the medieval scholastics studied conceptualization and the interplay universal-specific because theirs was a stage of rational discovery of the world; a first stage of systemization of knowledge. Forever until the Middle Ages, the attained knowledge did not intend to create new knowledge. For this historical stage the identified and descriptive knowledge of the world sufficed. To name things was sufficient (4).

However, the 19th Century social and economic conditions, among others, enabled Hegel to free the name of things from their constraining strait jacket. Concept progressed from the primitive stage of **identification** to that of **production**: for Hegel, veracity of a concept is only possible if its production is questioned. The notion of production introduces something entirely new which is the **turning out the process**, the thing advancing, that is the progress of the concept. Names are no longer fixed 'labels', but the proper 'historical' relationship of names and things with themselves.

During the same century another rupture is to be stressed, this time insurmountable until today, that is Marx' surpass of the Hegelian reasoning. According to Marx, Hegel believed that reasoning "creates" reality. Reasoning does not create reality, it merely reproduces it. But it does so in the only possible way: by reason. It is not by smell. Nor through the skin. Indeed it is by reasoning.

Two thousand years of philosophy are thus displayed. From Plato to Hegel we have a philosophical idealism based upon the fact that reasoning creates reality (even the reasoning resulting from empiric-experimental research).

Marxist revolution is materialistic for it believes in the **logical and historical** prevalence of practice. Marx' concept of praxis (union of theory to practice) overwhelms modern scientism and its notion of 'experimental research' for it does not separate moral or estetic aspects when undertaking the cognitive construction of the world.

Conceptualization and Information Science

During its thirty years of existence Information Science has been defined in thousands of ways. It is sufficient to enunciate the key concept of the famous Georgian Institute of Technology meeting, in 1968 (5).

Such definition was followed by many others, always intending to allviate or to exhaust. In the Information Science literature numberless pages have been written in an effort to encompass all its phenomena. Schrader's endeavor is just a few more of such pages. Many others shall follow, without bringing about a substantial change in the original definition.

Moreover, such definition can always be recognized in the more current ones. Thus, a circle is drawn. Why? Because dominion of the thing will not result from 1) exhaustion of definitions nor by 2) listing the more precise terms, neither 3) by methodological fastidiousness and not by 4) the interdisciplinarity comprised in the original concept; as Schrader endeavoured to do.

Let us envisage each of these endeavours.

1) Exhaustion of definitions

So called bibliographic revisions are common in the Information Science. Schrader's text is an example of this. Every bibliographic revision is an updating and systematization effort carried out by an author to facilitate the reader's understanding. Bibliographic revision, therefore, produces a spatial - temporal compression and historically emerges as a literary style, by means of the modernization of social relations in their pathological aspect of super (production). Super (production) pursues the repetitive dynamics of the content's dilution in the 'industrial' production of knowledge. Production of knowledge, according to the industrial logic and especially after the Second World War, is mass production. Not only merchandise is mass produced but so is knowledge, as were it a merchandise. Therefore, more of the same. To revise produced knowledge is not to produce more knowledge but only to contribute to the dynamics of the gyrating inertia. As a result we have a spiralled production of knowledge, adequate to the geometry of the circle. Any point within the circle can

be the beginning or the end. It is an inert geometry for the end is instantly the beginning and vice-versus. Thus, bibliographic revisions cannot attain syntheses that differ from the revised ones. The Information Science resorts to bibliographic reviews to mock the exact sciences, more often than all the remaining social sciences, such as history, anthropology and philosophy itself. A philosopher cannot proceed to a bibliographic review of a philosophical concept practiced in the last 100 or 10 years, because philosophy does not warrant conceptual apposition, solely radical ruptures. The same is found in the social sciences. Where we find commented bibliographies quite different from the reviews. Revisions are normal excerpts or summaries of formerly adopted opinions by the revised authors. That is why, Schrader's revision remains in bondage of all the reviewed authors; the author is prey to all he intends to criticize, that is, the circling of the information discourses.

2) Listing of the more precise terms

In Information Science quotation of expressive terms like those of the controlled vocabularies such as thesaurus or subject classification, decimal or by facets, is quite frequent.

Schrader's list (6) is innovative in the sense that it brings a librarian methodology to the Information Science but it is retrograde because it falls into medieval Universalist conceptualizations. The list of terms is based upon two intentions:

a) **quantification**, by which the commonest terms are assembled to become real concepts. Such procedure is the basis of automatic classification. Again, quantification does not define the content. Hegel, for example, instituted the dialectic method however the word dialectic practically does not appear in the **Phenomenology of the Spirit**;

b) **development** by which the object is fragmented into its constitutive parts. It is the disassembly of the object. Analysis is considered synthesis leading to a joined presentation of the terms. Thus, synthesis is achieved by gluing or sewing the parts that analysis has brought forth. The core of the object is lost in the effort to identify its parts.

The list of terms presented by Schrader (7) precisely points out the process of evaporation of the object which Schrader recog-

nizes as "confusion and ambiguity among writers, in the first place, and therefore lack of consensus"(8). We agree with Schrader that terms are divergent from a formal point of view. But, never from a substantive point of view; a set of activities becomes an art as much as a practical necessity encompassing techniques and technologies, being conjointly profession, art, science and technology. All fields of knowledge are thus at the same time, profession, art, science and technology (a simultaneity rejected by Schrader). To avoid yielding to the arts esthetic- expressive intuition or to the explicative cognition of sciences, neither to the liberalism of professions, Information Science has been located in Mostafa (9) as "**Labor**" **socially conditioned**, in which the Marxist category of **labor** affords a better explanation. Not because it is the most used word in literature. On the contrary, it was, then used for the first time because it permitted to break with the previous formal connotations. But, unquestionably, in essence Information Science is at the same time, science, art, technology and profession. As much as medicine or engineering, for example.

Domination of a field of knowledge, will therefore not result from the quantification of terms aiming at a consensus nor from the development of terms pertaining to the analysis of the object. Synthesis is not achieved through what is common to the parts. It is achieved through the organic relationship of the parts which does not warrant interrupting the division. Progress of the concept is achieved by the rupture of the general with the specific. The anecdotic conceptual architectures of the Information Science are not only restricted to the domains analyzed by Schrader. Information Science as a whole is plunged into the barren conceptualization of every one of its parts. For instance, in the survey of users, LINE divides by four the users' information requirements (10): demand, requirement, usage and desire. ROBERTS (11) considers four a small number and doubles to eight LINE's demand, which becomes: Total Potential Demand, Potential Demand of the Group, Expressed Demand, Manifested Demand, Latent Demand, Attended Demand and Not Attended Demand. The functional paradigms of this barren Information Science have been recently discussed twice (12 and 13).

Albuquerque's statement (14) becomes more understandable now; we shall reproduce it in its entirety to clarify the second point of the research process referring to the object's functioning

(furthermore it is one of the most elegant methodological texts in the Portuguese language):

"Two different procedures are the only means granted men to attain dominion of reality . Since Adam, men do not cease to name things, and the rest of the time to destroy them to see what they look like inside...But dominion - exception made to that which is illusion, proportioned by the ownership of a thing's name - only emerges, if after destruction, one begins to reassemble the object. Destroy, a practice that aims at domination, therefore appears as disassembly. To name each piece, will only be useful if the intention is to classify, as such facilitating the assembly...Once assembled, it remains to be seen if it works. Therefore, dominion emerges as re(construction) of a concrete wholeness, which resets the previous disassembly into its constitutive parts. In the sequence of practice , the illusion that gluing of all the parts of the whole does reassemble it, must be avoided. Indeed it is required to assemble and thus avoid the ad hoc added parts as well as later amends. Furthermore, the illusion of restoration must be avoided: there is always transformation, production of a new object, thereafter mastered by the order of things as well as by the order of reasoning".

Let us take a toy; when disassembling a doll we name each of the parts: arms, legs, feet. When we want to assemble the parts, their name is no longer an orienting principle, for now, the functioning of the parts must be known. If not, we run the risk of exchanging legs for arms. The same takes place in the disassembly and assembly of an area of knowledge; operation of the Information Science or of any other science can only be undertaken within specific contexts. The same science is not applicable to all regions, sites or lands. From the universal, it shall only maintain the rationalizing procedures , as is the case of all sciences. These are the local requirements (geographical and historical), which will determine the technical and social procedures of the Information Science.

3) Methodological fastidiousness

Schrader claims for more methodological rigor to attain dominion of the Information Science. Such rigor would be offered by philosophy understood as method. Therefore, the author mentions logic as if it were philosophy itself. According to the author "techniques" of philosophical research - logical and conceptual analysis - are

required (15). He thus, confuses method with the area and with the object of this area. In philosophy Schrader is seeking a method for the Information Science. Others seek it in psychology. Some in sociology. Or in philology, mistaking it for lexicography. As such, epistemic areas, methods and objects are mixed up and reach Information Science in a confused manner. Thus, Schrader confounds theory and practice with method. As the concepts uttered to date, result from the practice of research or services he proposes the derivation of concepts based upon the combination of theory and practice. Behind organizational methods and planning rests a functionalist philosophy; behind the quantitative methods there is a positivistic philosophy; behind the qualitative methods there is a phenomenological philosophy, etc. However, it is inadmissible to confound method and philosophy. That is to say, it is inadmissible to confound both theory/practice with method. Theory and practice are two universals into which any philosophy might fit. Joined as **praxis** or separated as **idealisms**.

To date, Information Science does not have its own method because it does not have an object. That is not a liability. Moreover, it is an asset. Because it is by **praxis** that a method and an object are constructed. not by the mind, the concept, the logic, the reasoning or by philosophy, psychology, sociology or philology. Support from these disciplines can only be given **post-factum**, subsequently. Not **ex-anti**, as we have been doing along the 30 years of Information Science, within a temporal inversion and within a methodological-philosophical confusion.

4) Interdisciplinarity

Positivism has divided knowledge in disciplines or imperious areas which should circumscribe, with no ambiguities, their objects and methods which would thus become irreducible among themselves. In the last 30 years the positivistic paradigm begins to decay and an interdisciplinary project takes its place (16). However, as the interdisciplinary project is also being approached in an analytic and not synthetic way, what we perceive is once more the apposition of concepts. Precisely as is the case with methods and within them the apposition of concepts. Interdisciplinarity is not attained by mixing areas of knowledge (philosophy, philology, etc.): this mixture expresses a reality which, being singular, radically emerges, notwithstanding the disconnecting efforts of the particular sciences.

PART II - THE CONSENSUS

For Schrader, "without a sensible identity, progress in conceptualization is impeded, and so knowledge cannot advance". The author then proposes as solution for the conceptualization of Information Science, the systematization of linguistic terms which would lead to the knowledge of the area therefore to its dominion. The author considers that for this systemization the category of **consensus** is fundamental (17). However the quest for consensus is the quest for the universal. There are two ways to attain the universal: by the specifics as do the empirical-analytical inductors or within the universal itself, by-passing the specifics as Schrader proposes.

Consensus as historical category was first developed by a) Greek idealism; then by medieval nominalism and retrieved by b) the 19th Century positivism.

a) Greek realism and medieval nominalism

Plato comprehends the essence of the thing as being its idea or concept, whereas, conversely, Aristotle condemns Platonic duality between the sensitive world and the intelligible world setting the essence of the being in the "res", that is, in the thing itself. As for Aristotle the thing is defined by its concept, Aristotelianism is a return to Platonism. Such division between reasoning and thought was interpreted in the Middle Ages as the "dispute of the Universals"(18). In this question, the sole innovation brought forth by the Middle Ages was to displace the "site" in which the concept is located: in the Lower Middle Ages, truth of the concept was located in the mind of God, whereas in the Upper Middle Ages, time period when this polemic was developed, the *conceptus menti* was displaced towards the mind of men (among the Greek concept was located in the cosmos oriented by destiny or moires, because neither the Jewish - Christian God nor man in its interiority existed for the Greeks). The medieval dispute of the universals entails a change in the relation of men with God and with nature. Not per chance: were the new trade bourgeois relations being conceived in the ambit of a movement later called Renaissance Humanism where man is turned into the center of the world.

Thus, when Schrader claims for greater terminological precision to construct a domain of knowledge, he places himself in the classical Greek versant which extracts the truth from the consensus

exposed by the universal. A position differing from the medieval one only by displacing the theological towards human rationality.

As such we can state that the problem of the universals is just one: is truth to be sought for in the concept or in the notion of the thing. As concept is denotative and never connotative, the issue lies in how to express truth using an objective visualization of the words.

The nominalistic vision does not admit connotations, only denotative propositions. Thence the impossibility to find consensus even in words, for, even in definitions, words connote. Connotation implies "meanings", be it associated to words, be it to the absence of meanings. A list of denotative words striving for full coincidence between reasoning and thought is impossible, due to the connotations inherent to words.

PART III - DOMAIN AS PARADIGM VERSUS DOMAIN AS PRAGMATICS

Schrader's main request in the article we have analyzed; that domain of the Information Science must and can be attained by means of a conceptualization and consensus building process, seem preposterous. Dominion of a field of action is not achieved by terminological rigor (that is why all thesauruses and vocabularies have to be periodically updated).

Dominion of a field of actions is socially defined by the interaction (always questioned and negotiated) between different action fields. A field of action **closes** when the issue is to define it terminologically and **opens** when considered in the disputing social practices. The concept of informational action field (IAF) held in the masters presentation of the Brazilian MARCHIORI (19) is therefore much richer and more concrete than dominion of the field through conceptualization and consensus. An honorable mention must be made on the supervisor of this presentation who, instead of proposing "homogenizing paradigms" for the informational action fields proposed the pragmatism of the communicative action according to Jurgem Habermas' **Theory of Communicative Action** (20).

Habermas theory has been enthusiastically discussed for the last 10 years all over the world, because it approaches social actions under a real interdisciplinary focus, in which sociology (in charge of social actions) and philology (responsible for the language) fuse in a **communicative action** , a linguistically mediated action. As Information Science operates with texts or speeches, significance of the communicative action is obvious.

Such theory draws a pragmatism as it comprehends the language as social inter(action) therefore as a "programmed" always mediated in the negotiation of an agreement, in which consensus or understanding is not subject to a structuralizing "theory" of the language but to an universal pragmatism".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SCHRADER, A. M. Two domain of information science: problems in conceptualization and in consensus-svilding. **Information Services & Uses**, 6:169-205, 1986.
2. ALBUQUERQUE, J. A. G. **Instituição e poder**. Rio de Janeiro. 2ª ed. 1986.
3. MARX, K. O método da economia política. In: **Para a crítica da economia política**. São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Coleção "Os Pensadores", p. 120).
4. LE GOFF, J. **História e verdade**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992. p. 435.
5. GOFFMAN, W. Information science: discipline or disappearance. **ASLIB Proceedings**, 22 (2): 589-96, 1975. & BORKO, H. Information science: what is it? **American Doc.** 19(1): 5-10, 1968.
6. SCHADER, A. M. Idem.
7. Idem p. 176.
8. Idem p. 177.
9. MOSTAFA, S. P. **Epistemologia da biblioteconomia**. São Paulo, PUC/SP, 1985 (Tese de doutorado).

10. LINE, M. Draft definition: information and library needs, wants and uses. **ASLIB Proceedings**, v. 26 (2), 1987.
11. ROBERTS, N. Draft definition: information and library needs, wants, demands and uses: a comment. **ASLIB Proceedings** 27 (7) 1975.
12. MOSTAFA, S. P. Paradigmas teóricos da ciência da informação. **Ciência da Informação**, 21 (3): 216-22, 1992.
13. _____ **Novos referenciais e o XVI Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia**. (cópia xerox).
14. ALBUQUERQUE, J. A. G. Idem p. 1-2.
15. SCHRADER, A. M. Idem p. 175.
16. CARVALHO, E. A. A declaração de Veneza e o desafio transdisciplinas. **MARGEM: paradoxos e interpretações**. PUC/SP, n.1 março, 1992.
17. SCHRADER, A. M. Idem p. 201.
18. ABBAGNANO, N. **História da filosofia**. Lisboa, Ed. Presença, 1977, vol. III.
19. MARCHIORI, P. Z. **A posição relativa dos profissionais de biblioteconomia, jornalismo e informática no campo de atividades de informação no município de Curitiba: análise da formação acadêmica da universidade federal do Paraná, em conjunto com indicadores-sociológicos**. Rio de Janeiro, IBICT, 1992 (Dissertação de mestrado).
20. GOMEZ, M. N. G. Paradoxos e desafios da ciência da informação. **Ciência da Informação** 19(2): 117-22, 1990.

ABSTRACT:

MOSTAFA, S. C. & MURGUIA, E. Reply to Alvin Schrader on the Domains of the Information Science. **Trans-in-formação**, 5 91,2,3): -, 1993.

It discusses Fallacies in conceptualization of Information Science concluding that the dominion of a field of action is not achieved by terminological rigor or conceptualization enclavour.

Key-words: Conceptualization. Theory of Information Science.

COMUNICAÇÃO INFORMAL DO CORPO DOCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Maria das Graças Targino M. Guedes*

RESUMO

GUEDES, M. das G. Targino M. Comunicação informal do Corpo Docente da Universidade Federal do Piauí.

Trans-in-formação, 5(1,2,3): -, 1993

Considerando-se o compromisso do professor universitário com a geração e difusão do conhecimento científico objetiva-se analisar o processo de comunicação informal entre os docentes da "Universidade Federal do Piauí (UFPI)". Isto porque acredita-se que a maioria desses docentes prioriza seu processo anterior de ensino formal, em detrimento da educação continuada, o que lhes impossibilita a associação entre os diversos acontecimentos mundiais e o avanço do seu ramo específico do saber, comprometendo o crescimento intelectual de toda a comunidade acadêmica e a divulgação da ciência. Para tanto, aplicou-se, em março de 1994, questionário misto a 200 (20%) dos professores, independente de sua área de atuação, para análise de pontos básicos: hábitos de obtenção de informação; influência recebida por profissionais, associações científicas e publicações; hábitos de uso e frequência a bibliotecas e centros de documentação; procedimentos sistemáticos para elaboração das bibliografias indicadas ao corpo docente.

Palavras-chave: Comunicação Informal, Comunicação Científica.

(*) Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí.

1. INTRODUÇÃO

Considerada por muitos, como não-criativa, secundarizada, autoritária e corporativista, a universidade brasileira contemporânea, teoricamente, continua sendo a instituição que visa ao ensino, à pesquisa e extensão, sendo a produção de novos conhecimentos seu objetivo maior. Assim, em uma época em que todas as esferas do sistema produtivo são regidas pela imperiosa lógica da qualidade e da produtividade, é oportuno discutir o papel do professor universitário no mundo atual, com ênfase para os mecanismos utilizados em suas relações de trabalho, com vistas à formação continuada.

Isto porque durante séculos, o trabalho intelectual foi considerado algo de conotação sobre-humana. Somente com pensadores contemporâneos como Marx e Gramsci é que tal visão foi desmistificada. Para Marx, todos os homens são intelectuais já que a capacidade de raciocinar é exclusiva do gênero humano. Gramsci admite que existem diferentes graus de inteligência, mas é incisivo quanto à concepção de que somente os homens podem exercer o papel de pensador.

A partir de então, ampliou-se o conceito de intelectual, antes restrito aos grandes pensadores, tais como filósofos e cientistas *stricto sensu*. Hoje, esse papel é atribuído ao artista, ao político, ao técnico, ao jornalista, ao professor, ao bibliotecário, ao empresário, ao líder religioso, sindical etc., corroborando Mostafa, Maranon (1993, p. 23), para quem "*Todos, por intermédio da palavra, das imagens e das idéias, exercem uma função intelectual...*". Essa tendência de generalização da aceção de trabalho intelectual foi alterada com a reorientação do cenário econômico internacional desencadeada após a II Guerra Mundial. Como consequência da nova lógica econômica, os pensadores foram transformados em assalariados, no interior das academias e instituições de pesquisa, sem a nítida conotação política protagonizada pelo pensamento gramsciano.

Nova reorientação da economia, engendrada a partir dos anos 60, e o consequente desencadeamento de uma ordem social dita *pós-moderna*, trouxe à tona, mais uma vez, a generalização da mão-de-obra de caráter intelectual no cenário mundial. Tanto é que os economistas criaram um novo setor do sistema produtivo: o quaternário, incorporando as atividades relacionadas com a indústria

da informação ou do conhecimento - imprensa, bibliotecas, institutos de pesquisa, bancos de dados, sistema educacional e instituições similares. O pesquisador, o cientista, o docente, o profissional da indústria da informação, como qualquer trabalhador, estão sujeitos às transformações sociais e econômicas de seu mundo e tempo. Nesse contexto incerto, de trânsito, de passagem, um desafio permanente e de grande relevância para essa categoria do sistema produtivo atual é o da comunicação, da atualização, do intercâmbio profissional, independente do campo de atuação.

Considerando tais questões e acreditando que os resultados desta investigação favorecem o repensar da universidade, mediante maior preocupação quanto à atualização profissional do seu corpo docente, **objetiva-se**, em termos amplos, **analisar o processo de comunicação informal entre os docentes da "Universidade Federal do Piauí (UFPI)", independente da sua lotação nos seis centros de ensino** - Centro de Ciências Agrárias (CCA); Centro de Ciências da Educação (CCE); Centro de Ciências da Natureza (CCN); Centro de Ciências da Saúde (CCS); Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL); Centro de Tecnologia (CT).

Tal análise pressupõe identificar (a) **hábitos de obtenção de informação**; (b) **influência recebida por esses docentes, em seu contato permanente com outros profissionais, associações científicas e publicações**; (c) **hábitos de uso e frequência a bibliotecas e centros de documentação**; (d) **procedimentos sistemáticos para elaboração das bibliografias indicadas ao corpo discente**. Até porque pressupõe-se que a maioria dos docentes da UFPI não valoriza devidamente o processo de comunicação informal, priorizando seu processo anterior de ensino formal em detrimento da educação continuada, o que lhes impossibilita a associação e contextualização entre os diversos acontecimentos mundiais e o avanço científico e tecnológico do seu ramo específico do saber, comprometendo o crescimento intelectual de toda a comunidade acadêmica.

Para a consecução do proposto, recorreu-se à **amostragem probabilística casual simples estratificada com partilha proporcional** entre os seis Centros, totalizando 200 docentes, cerca de 20% do universo. Questionário misto contendo 24 questões

referentes à caracterização dos respondentes e às variáveis a serem estudadas foi aplicado, após pré-teste, entre 21 a 31 de março de 1994, nos três turnos, pelos alunos da disciplina: "Estudo Orientado de Pesquisa em Comunicação."

2. COMUNICAÇÃO INFORMAL E PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Como membro de uma **sociedade global**, o pesquisador (aqui incorporando o docente universitário, por sua múltipla função) é uma das principais vítimas da síndrome da *ansiedade de informação*, típica da época pós-moderna. A cada quatro anos, triplica-se o volume de informação emitida no mundo. No campo específico da literatura técnico-científica, o volume dobra a cada 10-15 anos. O acesso a essas publicações é o ponto nevrálgico da questão, mormente nos países periféricos, face ao alto custo de material bibliográfico e à falta de incentivos à pesquisa. Assim, mesmo quando se fala do avanço da comunicação telemática interativa, ao lado de sistemas antigos e modernos de comunicação, como a comunicação oral, a comunicação baseada na educação formal, a comunicação audiovisual de massas, o desafio à informação, tanto para quem a produz, como para quem a consome, persiste, diante dos itens - **custos, tempo e fontes**.

Entretanto, concebendo a atualização como fator básico à qualidade do ensino, da pesquisa e ao desempenho de qualquer profissional, é fundamental o permanente esforço na busca contínua de informação. Neste sentido, uma das alternativas apontadas por estudiosos como Araújo (1979), Clair (1989), Ellis et al. (1993), Gracy II (1988); Gusmão (1987), Kremer (1982), Lyon (1986), Palmer (1991a, 1991b) é a **comunicação informal** entre cientistas/pesquisadores e docentes universitários. Esta consiste na utilização dos canais informais de comunicação, em que a transferência da informação ocorre via contatos interpessoais, através da **comunicação oral** - conversas, telefonemas etc.; da **comunicação escrita** - cartas, fax, redes eletrônicas (a exemplo da Internet e BITNET); e de quaisquer outros recursos *destituídos de formalismo*, dentro e fora da organização, como reuniões científicas ou associações do *tipo colégios invisíveis*, clubes profissionais.

O processo de comunicação informal relaciona-se com o formal, ambos essenciais à apreensão do conhecimento - **soma renovada de mensagens que atualizam a sociedade no espaço e a perpetua no tempo**, Christovão (1979), porém, destaca que, apesar do maior interesse, atualmente, da comunidade científica pelo sistema informal, este não é recente e antecede à comunicação formal. Contesta, ainda, o equívoco de se atribuir sua ascensão às imperfeições do sistema de comunicação formal. A comunicação informal não pretende substituir ou excluir os canais convencionais. Seu fortalecimento decorre da demanda inerente à ciência moderna: rápida e acurada comunicação.

Isto é possível porque as informações repassadas pelo sistema informal revestem-se de maior rapidez e redundância. Uma carta, um telefonema, por exemplo, atingem com mais rapidez seu objetivo do que a edição dos resultados de pesquisa. Ademais, são trocadas entre aqueles que, reconhecidamente, mantêm interesse por um tema específico, ocorrendo que

"... até que a nova peça do quebra-cabeças seja colocada, o grupo (ou grupos) de mesmo interesse está refletindo sobre basicamente os mesmos problemas na busca de soluções. A este nível, a informação ainda não sofreu 'filtragens', as quais se processam (...), à medida que flui na escala informal [para a] formal. Assim, as comunicações em congresso guardam características informais na sua forma de apresentação oral e nos debates que podem acarretar, e guardam características formais na sua divulgação, através de cópias ou anais" (Christovão, 1979, p. 5).

Desse modo, percebe-se que, ao tempo em que há nítidas distinções entre os dois sistemas, estes se inter-relacionam, ocorrendo uma espécie de gradação do nível informal para o formal, quando transmissores e receptores estão nitidamente estabelecidos, como também, os canais organizacionais de transmissão de informações.

A categorização de fontes em primárias, secundárias e terciárias, detalhada pelo autor supracitado, é típico do sistema formal de comunicação, o que não relega a um plano inferior o fluxo imediato e informal de comunicação. É que os cientistas, para difusão de suas pesquisas, sobretudo os resultados parciais, não escolhem, de imediato, os meios convencionais, como periódicos especializados

ou livros. São cada vez mais freqüentes as pré-edições (preprints), as versões provisórias (prepapers) e as comunicações em congressos, publicadas ou não. Nessa fase inicial - informal-, divulgam-se trabalhos em andamento, possibilitando uma discussão aprofundada e crítica entre os pares, o que conduz a modificações ou confirmações do teor original.

Por outro lado, a comunicação informal não é privilégio de nenhuma área específica do conhecimento, constituindo-se aliada indispensável à produção científica em sua ampla acepção. Afinal, "*os cientistas conversam uns com os outros, lêem reciprocamente seus trabalhos e acima de tudo, publicam trabalhos científicos, seu principal produto tangível*" (Araújo, 1979, p. 82). Um estudo de Kremer (1982) evidencia a importância dada às fontes não convencionais por parte de **engenheiros**. Araújo (1979) mostra a relevância dos canais informais de comunicação técnico-científica nos laboratórios "de **pesquisa e desenvolvimento (P&D)**", no que diz respeito à atuação dos mesmos sobre os processos de inovação e de transferência de tecnologia. Outros trabalhos apontam a existência de intensos fluxos de comunicação informal entre pesquisadores do **campo agrícola** (Hoyos, 1979; Palmer, 1991b) e de **saúde** (Gusmão, Breglia apud Gusmão, 1987), confirmando a idéia de que é procedimento adotado nos vários ramos da produção científica

Como salientam Araújo (1979) e Palmer (1991 a), o processo de informação é a essência do trabalho científico. Cada pesquisador é simultaneamente produtor e consumidor de informação. Logo, trata-se de alguém naturalmente inclinado ao intercâmbio de dados. Hoyos (1979, p. 2) chega a comparar o pesquisador a um computador com uma série de entradas de dados e fatos, saídas e retroalimentação, visto se tratar de um processador de informações em busca de conhecimento. Nessa perspectiva, a produção científica está bastante "*... influenciada pelas etapas de entradas ao sistema, entre as quais exerce função definitiva a informação que o pesquisador tenha a seu dispor...*".

Esse processo, envolvendo *inputs, outputs e feedback*, interfere diretamente na comunicabilidade da ciência. Para o avanço científico e tecnológico, é necessário que seja ela exercitada, antes de tudo, no próprio dinamismo interno da ciência, ou seja, no processo de comunicação científica entre os pares (Christovão, 1979), com a ressalva de que tal processo é afetado por fatores diversificados, a

começar pelos condicionamentos por que passa o comportamento comunicacional de cada pesquisador.

Hoyos 1979) categoriza tais fatores em **personais e situacionais**. Os primeiros referem-se ao (a) **treinamento e experiência** - profissão/especialização; natureza do trabalho; experiência no tratamento da informação ; (b) **status social e demográfico**; (c) **atitudes**; (d) **personalidade**; (e) **estilo de atuação**. Os situacionais tratam da (a) **natureza da necessidade** - função que exerce; classe de informação; precisão, especificidade, complexidade; urgência; (b) **projeto em que atua** - natureza do trabalho e estágio de desenvolvimento do projeto; (c) **ambiente de trabalho** - estrutura organizacional; reconhecimento/ controle; fontes; prestígio do lugar; instituição patrocinadora; (d) **fontes**; (e) **comunicação entre pares**.

Há outros fatores intervenientes no comportamento do pesquisador no processo de comunicação, tais como a exposição, o uso e a produção de informação técnico-científica; incentivos; reuniões científicas, treinamentos; domínio de outros idiomas; hábitos e habilidades pessoais, entre as quais, a criatividade, lembrada por Palmer (1991a).

Comunicação informal: vantagens e desvantagens

Sem dúvida, os contatos informais constituem alternativas e estratégias para lidar com a crescente avalanche de novos dados. Para Gusmão (1987), sua grande vantagem é a possibilidade de maior **atualização, rapidez**, e, portanto, de **menor custo**, graças ao curto espaço de tempo no processamento da transmissão. Propicia, também, **maior garantia à autoria**, em uma época em que o lema "publish or perish", ao mesmo tempo que serve de estímulo, acarreta maior número de fraudes, embustes, forjando pseudo-autores, mais interessados em ascensão funcional ou prestígio do que em uma produção científica de qualidade.

Outrossim, por ser **mais concentrada e pertinente aos interesses dos participantes**, torna-se mais relevante do que a formal. Esta pode perder-se, misturar-se ou ser confundida com dados secundários. Também a comunicação informal é mais flexível do que a formal, tendo maior **dinamicidade e fluidez**, o que permite obter mais informações, em contraposição ao que ocorre por vias formais. Ademais, recebe **controle direto** dos usuários, enquanto a formal é controlada, exclusivamente, por especialistas.

Para Sridhar (1988), a primazia da comunicação informal sobre a formal é evidente entre engenheiros e tecnólogos, registrando 70% dos casos de idéias e projetos de pesquisa no setor tecnológico americano como emergentes de contatos pessoais e por eles fortalecidos. Primeiro, porque a informação demandada no cotidiano refere-se, quase sempre, a detalhes relativos a procedimentos, quando o contato face a face é mais pertinente do que a consulta a fontes escritas. Segundo, porque o contato profissional cria laços humanos, propiciando confidências e trocas de opinião, ponto de vista também adotado por Ellis et al (1993). Há, pois, **fortalecimento do espírito de grupo**, por meio da interação entre os indivíduos.

A comunicação informal não é apenas um meio ágil de atualização, mas também, um meio de prover informações úteis para o trabalho do dia-a-dia. Pruthi, Nagpaul (1978) e Sridhar (1988) destacam que, nos Estados Unidos, nos anos 70, os profissionais de pesquisa recebiam mais de 55% das informações técnicas de uso diário por meio de contatos informais. Afirmam ainda que a comunicação informal, na comunidade científica americana, é responsável pela solução de um terço dos problemas técnicos e em mesma proporção, pela geração de novas idéias. De fato, figura como instrumento indispensável à formação continuada do pesquisador e do docente, conforme constata Clair (1989), apontando para a perspectiva da interdisciplinaridade, com o adendo de que, como demonstrado por Ellis et al. (1993), apesar do desenvolvimento tecnológico no campo da informação e da comunicação eletrônica com a proliferação das bibliotecas virtuais, os contatos pessoais entre cientistas persistem como instância essencial às suas atividades.

Quanto às desvantagens, Gusmão (1987) cita as questões referentes à **armazenagem e recuperação** da informação, **acesso e disseminação**. Enquanto a comunicação formal é facilmente armazenada e de rápida recuperação, a informal pode perder-se em um curto espaço de tempo. O acesso, por ser restrito limitado, torna-se elitista e fechado. Em conseqüência, a disseminação torna-se exclusivista, como no caso dos *colégios invisíveis*, em que a seleção dos membros segue critérios rigorosos, como número elevado de trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais e domínio de línguas estrangeiras. Já Christovão (1979) afirma que a

comunicação informal, por ser **flexível e fluida**, dificulta o seu estudo, além de permitir a **inserção de novos conhecimentos sem avaliação prévia**. Questiona, então, a forma de **controle de informações** trocadas em cartas particulares, telefonemas fax etc., e sua influência para a educação continuada do cidadão.

A alternativa dos colégios invisíveis

Em se tratando dos *colégios invisíveis*, assim denominados a partir do século XVII, na Inglaterra, para designar um grupo de cientistas que trocava idéias, oralmente ou por correspondência, o qual deu origem à "Royal Society of London", em 1660, estes poderiam ser julgados exemplo típico da tendência de formalização da comunicação informal no meio acadêmico (Hoyos, 1980). Entretanto, é consensual entre autores, como o agora citado e Lyon (1986) de que se trata de alternativa informal para facilitar o acesso à informação entre pesquisadores e docentes. Esses grupos fechados, compostos por até cem cientistas, no máximo, dispensam institucionalização e representam a forma como os pesquisadores, **voluntariamente**, têm se organizado, com a finalidade de intercambiar conhecimentos.

A importância dos *colégios* advém da constatação de que o processo desenvolvimentista resulta de ações conjuntas, de pesquisas que envolvem diversas pessoas da mesma área ou de campos afins, superando, irremediavelmente, o trabalho individual isolado. Nos países desenvolvidos, são cada vez maiores os incentivos a esse tipo de organização, sobretudo na área da pesquisa básica, a exemplo da "American Medical Society", "The Hopkins Center", "The American Geophysical Union", entre outras.

Hoyos (1980) referenda os objetivos desses *colégios* em: (a) estimular a comunicação pessoal entre pesquisadores da mesma área; tanto em nível nacional como internacional; (b) evitar a duplicação de pesquisas similares; (c) facilitar a organização de núcleos de comunicação científica, em nível microorganizacional; (d) aproveitar a capacidade e o potencial dos cientistas mais experientes; (e) incentivar as novas gerações de pesquisadores, mediante o compartilhamento de descobertas e dados; (f) possibilitar o contato

direto, a fim de facilitar o avanço de pesquisas em andamento; (g) permitir um fluxo contínuo de transferência de informações técnico-científicas.

Nessa mesma perspectiva, Graoy II (1988) destaca o papel das associações científicas ou profissionais, muitas das quais essencialmente informais, com o fim de gerar oportunidades para o intercâmbio de idéias e contribuir para ampliar os horizontes da profissão, buscando o consenso em nível prático e teórico Ziman (apud Christovão, 1979) ao mesmo tempo que adverte para eventuais riscos de formalização excessiva do processo de comunicação formal, define congressos e reuniões científicas como um dos canais mais expressivos da divulgação não-convencional de resultados e de intercambio informal entre pesquisadores.

3. UNIVERSIDADE E DOCENTES NO CIRCUITO DA INFORMAÇÃO

Se todos os profissionais contemporâneos enfrentam os desafios da *sociedade do conhecimento*, para os docentes, a situação é mais séria, principalmente, para aqueles que se situam na esfera do ensino superior, face ao papel fundamental da universidade na produção e difusão do saber. Às "Instituições de Ensino Superior (IES)" constituem instâncias básicas da chamada cultura da informação, inclusive para refletir sobre o significado, a relevância e o impacto dessa cultura no contexto social amplo, questões-chave no mundo hodierno, já que a *société à documenter* provoca modificações até nos sistemas de produção e na infra-estrutura das sociedades atuais, como proclama Paré (1992).

Para esse estudioso, uma das esferas que tem passado por significativas alterações diante da evolução tecnológica inerente ao progresso da sociedade da informação é a da educação e cultura, o que impulsiona novas demandas e novos desafios quanto à solução dos problemas emergentes. Dentre esses desafios, no âmbito da educação, está o da **formação permanente**, pois há relação indissociável entre eficiência profissional e educação continuada. Esta, na visão de Conway (1993), visa a propiciar maior participação

dos profissionais em sua área, permitindo contínuo crescimento pessoal, desde que favorece a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e atitudes, aperfeiçoa o desempenho profissional e, portanto, contribui para a melhoria das instituições. Isto permite inferir que a educação continuada interessa ao indivíduo e às organizações, visto que ambos são beneficiados.

Fauré (1992), por sua vez, além de discorrer sobre a dificuldade de acesso às fontes, diante da explosão bibliográfica contemporânea, aponta a **especialização/superespecialização** como um dos graves desafios deste final de século. Este corresponde à capacidade ou não de romper as barreiras de hermeticidade dos conceitos e jargões especializados, no contexto de uma cultura científica ampla e da comunicação-interprofissional, dentro da perspectiva de que o futuro pertence aos profissionais que combinarem conhecimento específico com uma ampla e sólida formação generalista.

Quanto à questão específica do ensino universitário brasileiro, o que se vê é que a universidade, ainda que inserida em uma *sociedade do conhecimento* e em uma cultura da informação, exerce um papel cada vez mais limitado no cenário nacional. Primeiro, sua instalação tardia, somente nos anos 40. Depois, seu distanciamento da sociedade e proximidade do capital internacional e da elite nacional, mesmo em meio ao processo de democratização do ensino de 3º grau e à pretensa popularização do conhecimento. Talvez, mais ainda, neste momento, quando emergem tendências para sua privatização, baseadas em questionamentos acerca do retorno ao cidadão comum que financia as universidades; do imperativo de racionalizar sua administração; de maior eficiência e eficácia; de necessidade de permanente avaliação de produtividade.

Em decorrência do declínio avassalador do ensino em **todos os níveis**, a mídia passou a ocupar lugar de destaque, ultrapassando a própria escola. A televisão, principalmente, com audiência diária de, aproximadamente, 90% da população, tornou-se o veículo hegemônico da sociedade da informação, no Brasil, papel que deveria caber às IES, cada vez mais, decadentes e desacreditadas. Isto é grave, porque, sem negar a força da comunicação mediática, esta está mais interessada em alcançar um público maior do que em propiciar um entendimento global e profundo dos eventos e fatos levados a público (Altheide, 1990).

Essa crise afeta todos os aspectos da vida universitária, pois as *academias do saber* estão controladas por leis obsoletas e inadequadas, cerceando sua autonomia política, pedagógica e financeira e impedindo a transparência administrativa, o que intensifica seu isolacionismo e compromete sua credibilidade. Sem contar com o fato de que muitos dos docentes não possuem qualificação ou disposição e prazer de ensinar, "...por absoluta falta de condições materiais e, até, psicológicas. Suas preocupações estão voltadas para a sobrevivência" (Targino, Magalhães, 1993, p. 30).

Diante do exposto, é fácil deduzir os dilemas do professor universitário para manter-se atualizado, informado, reciclado e integrado aos fluxos de geração e difusão da informação, em nível acadêmico e social, em nível institucional, regional, nacional e internacional. Enfim, urge investigar como esse profissional vence tantas barreiras e que alternativas adota para solucionar tais problemas.

4. PERFIL DO CORPO DOCENTE

Dentre os entrevistados, predomina o **sexo masculino** (54%) em relação a 46% do sexo feminino. Positivo, diante do argumento de Hoyos (1979, p. 9) de que "...é precisamente após a idade de 35 anos, quando a maioria dos pesquisadores começa a dar suas melhores contribuições nos campos técnico-científicos," prevalecem as faixas etárias de 40 a 44 anos e de 35 a 39, com os percentuais respectivos de 31.5 e 19.5, seguidas dos intervalos de 45 a 49 (16.5%) e de 30 a 34 anos (12.5%). Registram-se duas coincidências de 9.5%, para os intervalos de 25 a 29 e de 50 anos ou mais; e de 0.5%, para o número de abstenção e para aqueles com 20 a 24 anos de idade.

Quanto ao **tempo de serviço** na UFPI, é animador observar que somente cinco mestres exercem suas funções há menos de um ano e 11, há mais de 20, pois os professores iniciantes e os que estão *em fim de carreira*, em geral, são os menos produtivos. A maior parte tem de um a quatro anos de serviço (21%), seguida de perto por aqueles com 13 a 15 (19.5%); 16 a 20 (18.5%) e 9 a 12 anos (16%). O total de 13% tem de cinco a oito anos "de casa", registrando-se 4% de abstenção. Em relação à **classe e nível**, como está na **TABELA 1**, a maioria é Professor Adjunto IV o que, em comparação com o tempo de serviço de maior incidência revela que a ascensão profissional pode estar acontecendo de forma veloz ou não criteriosa.

TABELA 1 - Classe e nível dos docentes

CLASSE	AUXILIAR				ASSISTENTE				ADJUNTO				TITULAR	TOTAL
	I	II	III	IV	I	II	III	IV	I	II	III	IV		
N	35	13	6	3	18	10	4	19	8	14	14	51	5	200
%	17,50	6,50	3,00	1,50	9,00	5,00	2,00	9,50	4,00	7,00	7,00	25,50	2,50	100

Acrescenta-se a tais dados, a constatação de 79% são professores em regime de "Dedicação Exclusiva (DE)" e 13.5%, "Tempo Integral (TI)", contra apenas 7.5%, em "Tempo Parcial (TP)". Como decorrência, só 39 dos 200 docentes admitem manter alguma **ocupação além da Universidade**, com ênfase para o pessoal da área de saúde (50%), com consultórios médicos, odontológicos; clínicas médicas, odontológicas, veterinárias; laboratórios; serviços de enfermagem etc.

Mesmo assim, quando questionados sobre a **atividade desempenhada na UFPI**, 27% dos depoentes selecionaram **SÓ ENSINO**, reiterando Jacoby (apud Mostafa, Maranon, 1993, p. 23) ao lamentar a mutação dos intelectuais em acadêmicos assalariados e alienados, "... *quase todos apenas professores. Os campi são seus lugares; os colegas sua audiência...*" Enquanto isto, 21% estão em ensino e administração; 19% ensino e pesquisa; 15.5%, ensino, pesquisa e administração; coincidentemente, 6%, ensino e extensão e, também, **ensino, pesquisa e extensão**. Registram-se outras combinações, com destaque para os movimentos associativos e sindicais. Porém, o surpreendente é este último índice e o número dos que se dedicam, exclusivamente, ao ensino, pois mostram o quanto, no dia-a-dia, os docentes afastam-se da tríplice função das IES, sustentada teoricamente. Tudo, enfim, corrobora Targino, Magalhães (1993, p. 29-30), ao denunciarem a situação das universidades, salvo raras exceções,

"... falidas, administrativa e eticamente, arraigadas em atitudes corporativistas, distanciadas do sistema produtivo e deficientes em sua capacidade de iniciativa (...). Não há extensão, quase não há pesquisa e o ensino se arrasta muito mais como obrigação do que como um compromisso de produzir conhecimento".

Reconhecidamente, os **pós-graduados são os que possuem melhores condições para incrementar o intercâmbio científico**, com a ressalva de que o *diploma* por si só não é suficiente. Urge a atualização dos conhecimentos, através da documentação científica e do contato sistemático com colegas da mesma área ou afins. No caso da UFPI, nenhum dos depoentes tem pós-doutorado completo ou incompleto e tão-somente 3%, doutorado concluído. Reforçando mais ainda o estigma da mediocridade que caracteriza as instituições de pequeno porte em contraposição aos "*centros de excelência*" do centro-sul, alcançam maior índice - 37.5% - os docentes só com especialização. Em segundo lugar, figuram os com Mestrado completo (33%) e os professores graduados chegam a

22%. Os índices de 1.5% e 3% correspondem, respectivamente, àqueles com Doutorado e Mestrado em andamento.

5. HÁBITOS DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÃO

Fontes utilizadas

Análise acurada do **QUADRO 1** identifica as fontes utilizadas pelos docentes para obtenção de informação, as quais variam de acordo com as necessidades de informação, que por sua vez, variam dependendo do estágio de desenvolvimento da investigação científica. **Livros, manuais e folhetos NACIONAIS** prevalecem, com 129 pontos. A seguir, **revistas e jornais NACIONAIS especializados** (105) e **bibliografias em artigos, livros** etc. (102). Os livros são mais efetivos, no caso de informações mais gerais e os periódicos, informações mais específicas. Porém, em uma época, em que a informação eletrônica, a biblioteca virtual, o audiolivro ganham espaço, o apego ao livro como suporte tradicional revela falta de integração dos professores piauienses aos padrões atuais da comunicação científica internacional. Sobretudo, quando tanto os periódicos como as publicações monográficas **NACIONAIS** têm primazia, haja vista que o português não favorece tal integração, ao contrário do inglês, "*lingua oficial*" da comunidade científica.

Ainda mais, contrariando Ellis et al. (1993), Hoyos (1979) e outros, as tendências informacionais reveladas pelo professor da UFPI diferem do comportamento do pesquisador em nível mundial, o qual considera, como máxima fonte de consulta, os próprios pares. No caso ora estudado, os **contatos pessoais com especialistas e colegas** ocupam o quarto lugar (99 pontos), comprovando a interdependência dos fatores situacionais, como instituição e equipe ideais que propiciem o crescimento do pesquisador (Christovão, 1979). Ademais, em uma fase marcada pela expansão de redes eletrônicas de informação, nenhum docente citou a Internet, BITNET ou outras, o que se justifica pelo fato de que o Piauí só recentemente foi incluído como ponto de presença no âmbito da Rede Nacional de Pesquisa.

Reafirmando esses resultados, o **QUADRO 1** constata o inexpressivo uso de material estrangeiro. Dos 200 entrevistados, 116 e 96 nunca recorrem, respectivamente, a **revistas e jornais**

QUADRO 1 - Hábitos de obtenção da informação - fontes utilizadas

FONTES UTILIZADAS	SEMPRE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
Abstracts	24	40	38	98
Anais de congressos, seminários etc	63	81	23	33
Apostilas	52	51	32	65
Bibliografias em artigos, livros etc	102	40	12	46
Boletins informativos	46	61	26	67
Boletim técnicos	34	51	38	77
Catálogos de bibliotecas	25	35	57	83
Catálogos de livrarias/editores	44	58	30	68
Contatos pessoais com especialistas e colegas	99	51	12	38
Fitas cassetes, discos	24	50	20	106
Fotografias, eslaides	48	36	25	91
Livros, manuais e folhetos estrangeiros	49	45	30	76
Livros, manuais e folhetos nacionais	129	32	13	26
Normas técnicas	35	45	19	101
Projeto de Pesquisa	34	61	32	73
Relatórios técnicos e de pesquisa	43	57	30	70
Revisões de literatura	58	40	26	76
Revistas e jornais estrangeiros especializados	25	37	42	96
Revistas e jornais estrangeiros gerais	25	20	39	116
Revistas e jornais nacionais especializados	105	52	13	30
Revistas e jornais nacionais gerais	89	60	16	35
Teses, dissertações	48	73	34	45
Trabalhos não publicados	26	42	35	97
Vídeos, filmes	36	34	31	99
Outras	8	2	-	-

internacionais gerais e especializados. E se "*hoje é fácil falarmos em globalização, sociedade global, aldeia global ou rede globo*" (Mostafa, Maranon, 1993, p. 24) diante do avanço da multimídia, é inesperada, também, a pouca utilização de fitas cassetes, discos; vídeos, filmes; fotografias, eslaides. Porém mais grave é o descaso aos abstracts, que figuram como obras essenciais ao docente-pesquisador de instituições "*carentes*", como recurso mais acessível para, no mínimo, conhecer o que vem sendo editado. Além disto, como ocorreu com Kremer (1982) em estudo com engenheiros, os *preprints* e *prepapers* não são populares. Ainda que essenciais à comunicação informal, como meio eficaz de melhor produção científica, através da troca de opiniões, 97 dos pesquisadores confessam nunca os utilizarem e/ou os indicarem.

Títulos de periódicos

Ainda para averiguar os hábitos informacionais dos docentes, solicitou-se a identificação dos títulos de periódicos especializados ou, não, lidos **regularmente**. Com apenas 15 abstenções, somente 17 (5.4%) dos 314 títulos arrolados são estrangeiros, a maioria destes citados por professores das áreas de saúde e agrícola, demonstrando que o pesquisador piauiense ainda não ultrapassou as fronteiras nacionais, em termos de divulgação científica.

A dispersão dos títulos, no cômputo geral e, também, por centro de ensino, é extraordinária, com permanente destaque para periódicos de caráter geral. Com exceção do CT, surpreendentemente, em **todos os demais centros**, a revista **Veja** alcança a melhor colocação, empatando no CCA, com **Istoé**. Esta, salvo no CCA, onde fica no quarto lugar, ocupa, sempre, o segundo posto. Entre os dados coletados, este é um dos mais grave. A dispersão excessiva comprova o pouco interesse na comunicação, formal ou informal. O destaque a publicações não especializadas reforça o descompromisso do professor universitário com o aprofundamento das áreas de estudo sob sua responsabilidade.

Ora, se Fauré (1992) discorre sobre a especialização como um desafio, é inegável que a informação científica e tecnológica como bem econômico, disponível para uma infinidade de usos, é fator essencial à mudança generalizada que afeta toda a economia mundial.

Admitir um docente universitário que se satisfaz com as informações repassadas por veículos destinados ao grande público, é reconhecer a falência dessa instituição como "*academia do saber*" e reconhecê-la como "*academia do ócio ou da mediocridade*".

Considerando que o comportamento de leitura do docente-pesquisador é direcionado para atender às suas necessidades específicas, ou seja, suas metas de vida, de carreira, de profissão, se tais metas são claras, planejadas e retroalimentadas, é possível que a força motivacional em relação à busca de informação mantenha-se elevada, dependendo dos alvos pretendidos,

"...lembrando que a definição de seus alvos pode estar sendo influenciada por variáveis de sua personalidade, suas expectativas e valores, condições de trabalho, incentivos monetários como salário, participação na definição dos alvos da instituição em que atua etc." (Giacometti, 1990, p.18).

Associações científicas.

O intelectual acadêmico, hoje, está em toda a parte, como garantem Mostafa, Maranon (1993): na mídia, nos *papers*, nas organizações mundiais, nas associações e sociedades científicas, sempre, em busca de *feedback*, de novos *inputs*, a fim de assegurar sua educação continuada. Neste sentido, as associações científicas e profissionais são vitais ao indivíduo, gerando companheirismo, produção científica, crescimento pessoal e intelectual, de modo que para Clair (1988) e Gracy II (1988), **todos** deveriam participar dessas organizações.

No caso da UFPI, entretanto, quando indagados sobre as sociedades ou associações científicas a que estão vinculados, **quase a metade** dos professores (48.5%) abstém-se, com destaque para o mestre que afirmou: "*...estou ausente diante de tanto corporativismo profissional*". Os demais arrolam 87 associações, todas brasileiras, com 59 das quais lembradas uma só vez. A "Associação Brasileira de Odontologia", a "Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação" e a "Associação Piauiense de Medicina" foram as mais citadas, com 7, 6 e 5 pontos respectivos. A "Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência", a de maior expressão no cenário nacional para os vários ramos do saber, dentre os entrevistados, só tem quatro sócios.

Influência dos profissionais e especialistas

Cientista que não mantém, em sua área de estudo, contatos informais com outros profissionais e especialistas, enfrenta maiores obstáculos no processo de busca de informação, pois são os membros dos *colégios invisíveis* que decidem sobre os rumos da investigação científica, da mesma forma como os *gatekeepers* o fazem, no setor tecnológico. Esta assertiva de Sridhar (1988), aceita pelos demais estudiosos da comunicação informal, explicita a impossibilidade do docente-pesquisador atuar, com eficiência, isoladamente, até porque, como Pruthi, Nagpaul (1978) demonstram, os pesquisadores "solitários" têm produção intelectual menos expressiva. Como as IES são burocráticas, ou seja, são formas racionais de organização do trabalho, pressupõe-se que o professor "pertence" à universidade. Esta ganhará ou perderá com o desempenho de cada um, bem como os outros colegas, e, de forma indireta, a sociedade: há socialização das perdas e ganhos.

Por tudo isto e pela insondável riqueza contida no sistema de troca entre os seres humanos, pesquisadores ou não, decorrente das inclinações pessoais diversificadas, da capacidade criativa no enfrentamento de situações e contextos distintos (Palmer, 1991a), é lamentável o isolamento dos docentes da UFPI. Dos 200 depoentes, 86 (43%) não discutem assuntos de sua área de atuação e interesse, **regularmente**, com outros profissionais da Universidade e 51% não buscam especialistas de outras entidades, ocorrendo respostas deste teor: *"Infelizmente, não tenho conseguido parceria para discussões. Parece mais fácil conseguir para execução, quando as idéias já estão prontas"*. Ademais, contrariando as expectativas de inter, trans, e multidisciplinaridade, dois dos seis centros de ensino - CT e CCA - não contactam com os demais, embora, registre-se entrosamento significativo do CCE com o CCHL (52.2%) e do CCHL com outros três centros, mormente com o CCN (10.8%).

Na realidade ora discutida, outra prova da fragilidade dos colégios invisíveis e da comunicação informal, em geral, é que, em ambas as questões - **contato sistemático com colegas da UFPI e de outras instituições congêneres** - não ocorre, nem no **cômputo global, nem por área de conhecimento**, concentração significativa de nomes. Ou seja, não há docentes que, a exemplo dos *gatekeepers* tecnológicos, atuem como pólos de comunicação (Gusmão, 1987) ou

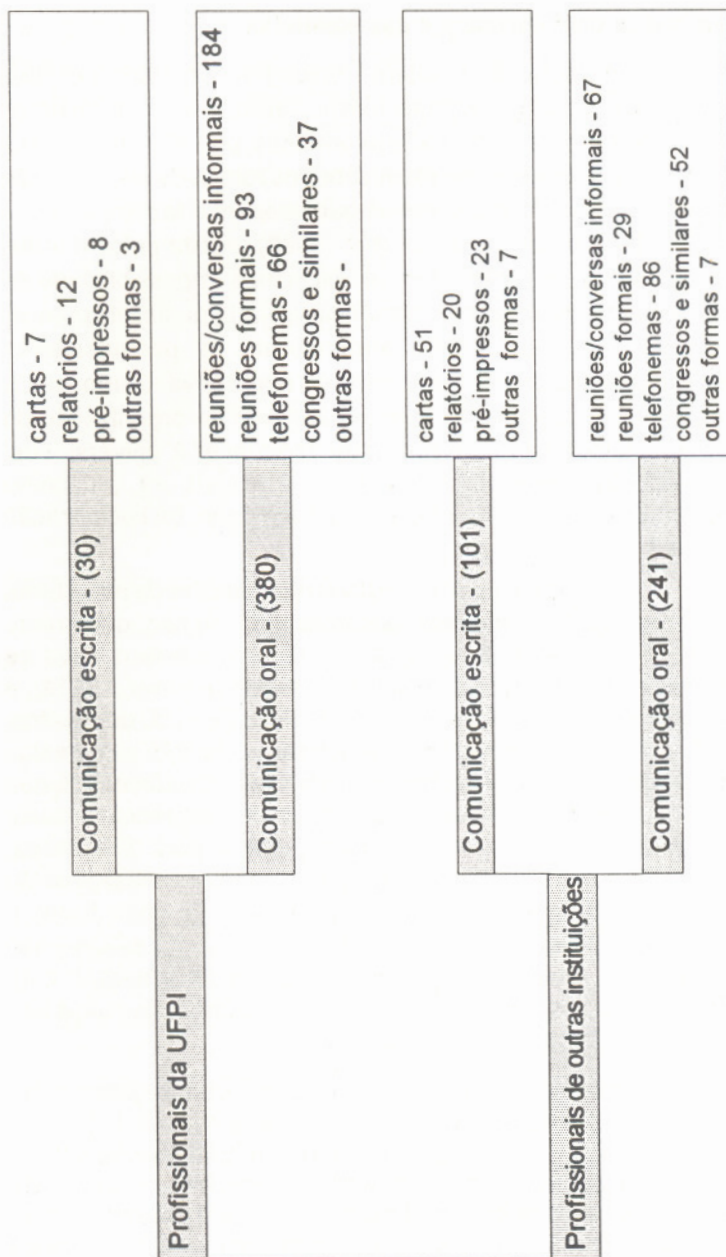


FIGURA 1 - Forma de contato dos docentes da UFPI com outros profissionais

key persons, desempenhando, por suas características pessoais, como a liderança e por sua competência, papel relevante na rede de comunicações: um só mestre (do CCHL) é citado o máximo de quatro vezes pelos pares, o que corresponde a 7.2%.

- Quanto aos especialistas de outros órgãos, **TODOS** - profissionais e entidades - são nacionais, comprovando, como fez Hoyos (1979), que os pesquisadores brasileiros (e piauienses, mais restritamente), **grosso modo**, pouco conhecem os trabalhos internacionais. A maior parte das instituições lembradas está no centro-sul, reiterando as idiosincrasias regionais e a relevância dos grandes centros (Clair, 1989), mas, inesperadamente, dentre as nordestinas, preponderam as locais. Por fim, a **FIGURA 1** detalha as formas de contato, comprovando a relevância da comunicação oral, como o fez Lyon (1986).

6. HÁBITOS DE FREQUÊNCIA A BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

Frequência às bibliotecas da UFI

Como Pruthi, Nagpaul (1978) detalham, os sistemas de recuperação da informação, através de bibliotecas e congêneres integram a comunicação formal. Mesmo assim, diante da hipótese de que os professores da UFPI, em sua maioria, não valorizam a comunicação informal, é preciso observar-se, pelo menos, reconhecem o valor dessas instituições no processo de transferência de conhecimento e custódia dos registros produzidos pela humanidade. Assim, ainda que esta variável meça o interesse dos docentes, 65.5% dos respondentes afirmam utilizar as bibliotecas do "Sistema de Bibliotecas da UFPI (SIBI)" apenas eventualmente e 5%, jamais. A frequência semanal é de 10.5%; a mensal, 8%; a quinzenal, 7% e a diária somente 4%. E, talvez, devido às condições climáticas do Piauí, o turno de maior procura é o da manhã (48%). A seguir, tarde (28%) e, por fim, noite (4%), embora 11% dos docentes tenham dito que este fator é indiferente e 9% tenham se omitido.

Dentre as bibliotecas mais freqüentadas, como natural, estão as que compõem o SIBI, em nível local, nesta ordem: Biblioteca Central (130 pontos); Biblioteca Setorial do CCHL (58); Biblioteca

Setorial do CCS (34); Biblioteca Setorial do CCE (30) e Biblioteca Setorial do CCA (21). Ademais, 17 pesquisados falam de "*bibliotecas setoriais*" "*inexistentes oficialmente*", o que, contrariando as expectativas atuais de bibliotecas centrais consolidadas, denuncia a tendência vigente, no caso da Universidade estudada, de fragmentação de acervos, visando tão somente à comodidade dos usuários, em detrimento da melhoria das coleções e serviços.

Também é inesperado a ênfase dada às bibliotecas particulares, por 16 mestres. Isto exige cautela, quanto à eficiência, em termos de quantidade, qualidade e atualidade da coleção. Como reafirmam Targino, Magalhães (1993), o docente universitário luta para sobreviver. Diante do alto custo do material bibliográfico, mormente revistas científicas, principal fonte de veiculação da ciência, é pouco provável, com raras exceções, que essas bibliotecas favoreçam buscas aprofundadas e atualizadas (Giacometti, 1990).

Quanto às outras 43 bibliotecas brasileiras/piauienses arroladas, salvo a Biblioteca Pública do Estado, o Arquivo Público do Estado, a Biblioteca Municipal de Teresina e a Biblioteca da "Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - UEPAE/Teresina" (todas em Teresina - PI), com sete, seis, cinco e quatro menções respectivas, as demais foram lembradas por dois ou um só professor.

Finalidades de uso das bibliotecas

Consulta e empréstimo continuam como os serviços mais comuns em bibliotecas e centros de documentação. Por isto, independente de 31 abstenções, 32.7% e 19.7% dos docentes citam, respectivamente, essas atividades como motivo básico de sua ida às bibliotecas, com o adendo de que 23.3% vão em busca de conhecer as novas aquisições. Para 9.7%, a finalidade maior é a fotocópia de material; para 8.8%, a comutação bibliográfica, levantamentos bibliográficos e similares; para 1.8%, solicitação de compra de publicações e outros fins.

Quando do uso das bibliotecas, muitos depoentes (29,3%) buscam a informação pretendida, **diretamente nas estantes**. Em contrapartida, 22,2% consultam catálogos; 19.7%, bibliotecários; 19.2%, auxiliares de biblioteca; 8.2%, as chefias e 1.4%, preferem não opinar. Tais dados evidenciam pouco contato entre os profissionais de informação e usuários, o que revela certa autonomia dos professores, mas também, possível falta de sintonia entre os dois

segmentos, reforçando a fala de um deles, para quem *"é urgente que a biblioteca estabeleça interação: com os professores-pesquisadores, através de informativos, comunicações, reuniões etc."*. Até porque, se para um outro entrevistado, bibliotecários e auxiliares *"... são as pessoas mais credenciadas no manejo das informações"*, ou seja, são decisivos na difusão dos conhecimentos, Witter (apud Giacometti, 1990, p. 12) critica a formação do bibliotecário, que não traz *"qualquer indício de preocupação com a conscientização do bibliotecário quanto às variáveis que determinam seu próprio comportamento e dos usuários ..."*.

Considerando que a concepção das bibliotecas está vinculada ao ponto de vista do seu público em potencial, para quem tais órgãos não são, apenas, instalações, coleções e estrutura organizacional, mas, acima de tudo, informações, serviços e produtos disponíveis (Clair, 1989), é oportuno conhecer a classificação das bibliotecas do SIBI, pelo corpo docente da UFPI (QUADRO 2). Há posicionamentos opostos. Para uns, falta vontade política das autoridades constituídas para *"melhoria das nossas paupérrimas, miseráveis, infames bibliotecas..."*. Outros estão *"...na expectativa dos avanços tecnológicos, em especial, sua definitiva informatização e interligação com as redes de informação, ora em final de processamento"*.

Diante da diversidade das áreas de atuação, muitos opinam sobre uma ou duas bibliotecas, por desconhecerem as outras. Observa-se, ainda, que as posições extremas - **excelente, ótimo, ruim e péssimo** - ganham número pouco expressivo de pontos em comparação com os conceitos - **bom e regular**, com a prevalência deste último para todas as itens, exceto *"pessoal"*. Acrescida à incipiência dos *colégios invisíveis*, à frágil participação em sociedades científicas, à carência de *key persons*, a força do conceito *regular* parece reiterar o *faz-de-conta* das IES de pequeno porte como academias do saber.

7. INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO E USO DE BIBLIOTECAS

Estudando a integração entre ensino e uso de bibliotecas, sob o prisma dos **procedimentos sistemáticos para elaboração das bibliografias constantes dos programas de cursos**, em

QUADRO 2 - Classificação das Bibliotecas da UFPI

ELEMENTOS	BIBLIOTECAS	CONCEITOS					
		EXCELENTE	ÓTIMO	BOM	REGULAR	RUIM	PÉSSIMO
ACERVO	BIBLIOTECA CENTRAL	[2]	[1]	[19]	[65]	[38]	[8]
	BIBLIOTECA DO CCA	[]	[]	[3]	[14]	[7]	[1]
	BIBLIOTECA DO CCE	[]	[]	[10]	[23]	[3]	[2]
	BIBLIOTECA DO CCHL	[]	[]	[10]	[22]	[20]	[12]
	BIBLIOTECA DO CCS	[1]	[]	[5]	[25]	[9]	[2]
EQUIPAMENTOS	BIBLIOTECA CENTRAL	[]	[4]	[32]	[56]	[28]	[4]
	BIBLIOTECA DO CCA	[]	[]	[5]	[12]	[7]	[2]
	BIBLIOTECA DO CCE	[]	[1]	[7]	[17]	[4]	[3]
	BIBLIOTECA DO CCHL	[]	[]	[7]	[23]	[19]	[11]
	BIBLIOTECA DO CCS	[]	[1]	[5]	[19]	[11]	[2]
ATENDIMENTO/SERVIÇOS	BIBLIOTECA CENTRAL	[3]	[22]	[49]	[50]	[8]	[1]
	BIBLIOTECA DO CCA	[]	[6]	[10]	[10]	[1]	[]
	BIBLIOTECA DO CCE	[]	[8]	[17]	[8]	[3]	[]
	BIBLIOTECA DO CCHL	[2]	[9]	[18]	[28]	[5]	[4]
	BIBLIOTECA DO CCS	[1]	[7]	[13]	[15]	[3]	[2]
PESSOAL	BIBLIOTECA CENTRAL	[8]	[17]	[58]	[36]	[9]	[1]
	BIBLIOTECA DO CCA	[1]	[4]	[14]	[7]	[1]	[]
	BIBLIOTECA DO CCE	[1]	[4]	[21]	[6]	[1]	[]
	BIBLIOTECA DO CCHL	[2]	[4]	[22]	[21]	[10]	[3]
	BIBLIOTECA DO CCS	[2]	[6]	[17]	[10]	[]	[3]
INSTALAÇÕES	BIBLIOTECA CENTRAL	[3]	[5]	[33]	[62]	[26]	[5]
	BIBLIOTECA DO CCA	[]	[]	[8]	[11]	[8]	[1]
	BIBLIOTECA DO CCE	[]	[1]	[6]	[21]	[6]	[2]
	BIBLIOTECA DO CCHL	[]	[3]	[12]	[30]	[11]	[6]
	BIBLIOTECA DO CCS	[]	[1]	[6]	[25]	[7]	[2]
ORGANIZAÇÃO	BIBLIOTECA CENTRAL	[6]	[6]	[59]	[49]	[13]	[2]
	BIBLIOTECA DO CCA	[2]	[]	[10]	[11]	[4]	[]
	BIBLIOTECA DO CCE	[1]	[3]	[16]	[15]	[1]	[1]
	BIBLIOTECA DO CCHL	[1]	[3]	[10]	[24]	[20]	[6]
	BIBLIOTECA DO CCS	[2]	[2]	[13]	[21]	[3]	[]

concordância com os dados do **QUADRO 1**, o **livro** figura como o item de maior peso, com 26.1%. Continua na frente, sob a rubrica - **livro-texto**-, quando alcança 25.2%. A surpresa fica por conta do terceiro lugar atribuído a artigos de periódicos (18.7%), o que contraria o visto antes, quando detectou-se a utilização incipiente de publicações periódicas pelos docentes, com destaque para revistas gerais. Aqui, vale lembrar que os periódicos são os veículos mais fecundos na atualização profissional e formação permanente do indivíduo. Dissertações e teses aparecem com 9.4%; seguidas de apostilas (8.7%); trabalhos de congressos e similares (8.1%) e outros materiais (1.7%), como vídeos, atlas e partituras. O nível de abstenção sobre este tópico é de 2.1%.

Interrogados sobre a verificação ou não da existência das fontes constantes nas bibliografias destinadas ao alunado, nas bibliotecas do SIBI, o que é positivo, a maior parte dos professores respondeu *sim* (42%) e *às vezes* (38.5%). Justificam tal atitude, face à importância de repassar ao discente este tipo de informação; à facilidade de acesso a essas bibliotecas; à conveniência de indicar só o disponível na instituição, diante do alto preço de livros e revistas, incompatível com a situação socioeconômica do universitário; à necessidade de tomar providências extras, como fotocópia do material bibliográfico. A este respeito, é útil retomar o que Targino, Magalhães (1993) falam sobre a onda de *xeroquismo*, como fator de crescente horizontalização das leituras, o que conduz à perda de uma visão global do assunto e ao desinteresse por obras mais densas, essenciais à formação do indivíduo.

Por seu turno, 7.5% preferem não se manifestar e 12% confessam nunca consultar as bibliotecas para este fim, por causas diversas. O que é incrível, houve quem afirmasse se preocupar "*mais com o conteúdo programático*", como se este prescindisse de fundamentação teórica e quem delegasse ao discente tal encargo, exemplificando mais uma disfunção dentre os métodos e processos pedagógicos em vigor. Mas, os motivos mais comuns, sob a ótica desses docentes, foram a flagrante desatualização e limitação dos acervos; a falta de hábito; bibliotecas particulares melhores e a má conservação das obras.

Afinal, o que também é louvável, mesmo com 5% de omissão, 46% dos pesquisados fazem, **sistematicamente**, sugestões para aquisição do acervo das bibliotecas do SIBI, em contraposição a 22% que não o fazem e 27%, somente de vez em quando. Para o

primeiro grupo, é obrigação do professor-pesquisador participar do gerenciamento das bibliotecas e centros de documentação das entidades a que "*pertence*", para dinamizar coleções e serviços, e, portanto, aperfeiçoar o nível da comunicação formal e informal. Para o outro grupo, aquele que não sugere itens de compra às bibliotecas, o não-atendimento às reivindicações anteriores é a principal causa de sua atitude, e, para dois deles, a formação do acervo é responsabilidade exclusiva dos bibliotecários, a quem "*compete o papel de vanguarda, de busca*". Esquecem, pois, que é competência do docente universitário determinar conteúdos e a literatura pertinente que propicia discussões e aprofundamento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, em meio à transição estrutural da economia mundial e nacional, a formação do capital humano assume crescente importância no processo de desenvolvimento das nações, para a qual o professor, universitário ou não, é "*carro-chefe*", visto que apenas os países que priorizaram e priorizam o ensino, a investigação científica e tecnológica, conseguem manter boa qualidade de vida para a população. Assim sendo, a comprovação, com base nos dados coletados e discutidos, de que os **docentes da UFPI, em termos gerais, não valorizam a comunicação informal e a interdisciplinaridade**, tanto em termos de hábitos de obtenção de informação e de uso de bibliotecas, em suas variáveis diversificadas, é preocupante.

Isto porque relega a educação continuada, a qual, consensualmente, é a estratégia de maior eficiência para amenizar a obsolescência profissional, de que trata Conway (1993). Como decorrência, compromete a qualidade do ensino e da pesquisa, haja vista que o processamento e utilização da informação constituem a essência de quaisquer atividades científicas e tecnológicas, as quais consomem, transformam, produzem e permutam conhecimentos, com vistas, sempre, ao processo global de desenvolvimento das nações.

Assim, o o professor universitário piauiense, ainda que jovem, com experiência de magistério, Dedicção Exclusiva, dá prioridade à sala de aula, e, em qualquer circunstância, para seu uso

ou dos alunos, aos livros e periódicos nacionais, estes, quase sempre, de cunho generalista. Relega as sociedades científicas. Desconhece *líderes*, despreza influências e refuta os *colégios invisíveis*. Frequenta pouco as bibliotecas e quando o faz, seu interesse está mais restrito a consultas e empréstimos de obras, sem que expresse sua crença no bibliotecário como especialista e diretor do "tráfego" para auxiliar o pesquisador a navegar não só em meio da informação eletrônica, mas dentre os recursos diversificados que transformam bibliotecas em instituições sociais de longo alcance.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHEIDE, D. L. The culture of information. **Journal of Education for Library and Information Science**, [S.1.], v. 31, n. 2, p. 113-121, 1990.
- ARAÚJO, V. M. R. H. de. Estudo de canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-100, 1979.
- CONWAY, P. Effective continuing education for training the archivist. **Journal of Education for Library and Information Science**, [S. 1.], v. 34, n. 1, p. 3847, 1993.
- CHRISTOVÃO, H. T. Da comunicação informal à comunicação formal; identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 3-36, 1979.
- CLAIR, G. S. Interpersonal networking: it is who you know. **Special Libraries**, [S.1.], v. 80, n. 2, p. 107-112, 1989.
- ELLIS, D. et al. A comparison of the information seeking patterns of researchers in the physical and social sciences. **Journal of Documentation**, London, v. 49, n. 4, p. 356-369, 1993.
- FAURÉ, G. et al. Education à l'information scientifique et technique on éducation à la recherche. **Cahiers de la Documentation**, Bruxelles, v. 46, n. 2, p. 84-87, 1992.
- GIACOMETTI, M. M. Motivação e busca da informação pelo docente-pesquisador. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 12-20, jan./jun. 1990.

- GRACY II, D. B. The role of faculty in professional associations: the Society of American Archivists. **Journal of Education for Library and Information Science**, [S.1.], v. 29, n. 2, 108-112, 1988.
- GUSMÃO, H. R. Processo de comunicação informal entre os docentes do Departamento de Documentação da Universidade Federal Fluminense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, Recife - PE, 1987. **Anais...** Recife: 1987. p. 832-848.
- HOYOS, L. E. A. **Características do processo de comunicação científica entre pesquisadores agrícolas brasileiros**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2., Rio de Janeiro - RJ, 1979. Rio de Janeiro: 1979. 54f. Mimeo.
- _____ **Colégios invisíveis; uma alternativa para o problema de informação técnico-científica**. Brasília: EMBRAPA, 1980. 16f. Mimeo.
- KREMER, J. M. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. **Rev. de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.10, n. 2, p. 65-78, jul./dez. 1982.
- LYON, W. S. Scientometrics with some emphasis on communication at scientific meetings and through the "invisible college". **Journal of Chemical Information and Computer Sciences**, [S.1.], v. 26, n. 2, p. 47-52, 1986.
- MOSTAFA, S. P., MARANON, E. I. M. Os intelectuais e sua produtividade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 22-29, jan./abr. 1993.
- PALMER, J. Scientists and information: I. using cluster analysis to identify information style. **Journal of Documentation**, London, v. 47, n. 2, p. 105-129, 1991a.
- _____ ; _____ II. personal factors information behaviour. **Journal of Documentation**, London, v. 47, n. 3, p. 254-275, 1991b.
- PARÉ, R. Une société à documenter: les acquis et les défis. **Documentation et Bibliothèques**, Montreal, v. 38, n. 3, p. 135-138, 1992.

- PRUTHI, S., NAGPAUL, P. S. Communication patterns in small R & D projects. **R & D Management**, v. 8, n. 2, p. 53-57, 1978.
- SRIDHAR, M. S. A sociometric analysis of informal communication among Indian satellite technologists. **Library Science with a Slanto Documentation**, v. 25, n. 2, p. 78-111, - June 1988.
- TARGINO, M. das G., MAGALHÃES, L. **Projetos Experimentais no ensino de Comunicação**. Teresina: 1993.

AGRADECIMENTOS

Aos ALUNOS DA DISCIPLINA "ESTUDO ORIENTADO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO", 1º semestre letivo 1994, pela coleta dos dados.

ABSTRACT

INFORMAL COMMUNICATION AMONG THE PROFESSORS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PIAUÍ

Given the role of the university professor in the generation and dissemination of scientific and technological information, this study analyzes the process of informal communication among the professors of the "Federal University of Piauí". This is due to the expectation that the overwhelming majority of these professors prioritize their former process of formal education in detriment of their professional up-dating. In this way, the professors remain apart from the advances in their specific field of knowledge. So, what takes place is a worsening of teaching quality and consequently science and communication also end up suffering. The data were gathered in March 1994, through the use of questionnaires applied to 200 professors (20%) from various areas, in order to verify: information habits; evaluation of the interpersonal communication networks, including scientific associations and publications; the use of the libraries; procedures for elaboration of bibliographies for the students.

Key-words: Informal Communication. Scientific Communication.

INTERNET: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A BIBLIOTECA NO CIBERESPAÇO

Maria Luiza Dumas

RESUMO:

DUMAS, M. N. NOVAS. A necessidade da participação das bibliotecas em redes, como meio de agilizar seus serviços e compartilhar recursos. Utilização dos recursos da rede INTERNET pelos serviços das bibliotecas

Palavras-chave: Internet. Bibliotecas acadêmicas. Bibliotecas X redes.

Novas tecnologias da informação certamente trouxeram mudanças profundas na concepção dos serviços prestados pelos serviços de informação, racionalizaram as rotinas das bibliotecas, agilizaram os processos de recuperação e transferência da informação e possibilitaram o desenvolvimento de políticas de compartilhamento de recursos inimagináveis até há poucos anos atrás.

Com o crescimento avassalador da INTERNET, aclamada como a "rede das redes", congregando hoje uma comunidade de aproximadamente 25 milhões de usuários de computador, o lugar das bibliotecas no ciberespaço, ainda uma fronteira desconhecida, terá que ser repensado.

Alguns serviços prestados por muitas bibliotecas terão que ser reavaliados, se ainda faz sentido existirem, e outros, inquestionavelmente importantes, deverão ser reformulados na maneira como vêm sendo oferecidos - este é o caso dos serviços de referência na maioria das bibliotecas.

As bibliotecas públicas americanas, instituições tradicionalmente respeitadas naquele país, tem assistido as recomendações da administração Clinton no sentido de eliminar programas em bibliotecas de várias comunidades custeados com verbas federais, uma vez que poderão ser substituídos por serviços a serem oferecidos através da superinforvia que vem sendo estruturada nos Estados Unidos como prioridade do governo federal. Uma enorme rede de fibra óptica ligará supercomputadores por todo o país, e deverá fazer chegar uma linha digital às bibliotecas, assim como a várias outras instituições públicas, para que elas possam fazer parte da "aldeia global" de Mc Luhan, que se concretiza através de redes como a INTERNET.

No Brasil, as bibliotecas acadêmicas naturalmente são as primeiras a terem acesso à comunidade da INTERNET, porque a conexão com essa rede é feita através da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), presente em 22 estados brasileiros e interligando 350 instituições de ensino e de pesquisa. Em muitos campi universitários estão sendo instaladas redes de fibras ópticas, e se tornou impossível desenvolver um sistema automatizado de bibliotecas que não seja acessível através das redes existentes dentro da área física do campus, e ligada a redes nacionais e internacionais.

Os catálogos de bibliotecas, que eram fontes insulares de informação, e que continuaram restritos ao uso dos usuários das próprias instituições através dos primeiros sistemas automatizados desenvolvidos em bibliotecas, hoje, através das redes podem ser acessados por usuários de outros continentes democratizando o acesso à informação e valorizando as características regionais de uma coleção. Esse fato sinaliza para a necessidade de se planejar sistemas que compreendam as funções que possibilitarão operar o sistema num ambiente de rede.

Quando os sistemas projetados sem a preocupação de operar em rede são posteriormente ligados às redes, freqüentemente apresentam limitações e precisam de um aumento da capacidade do sistema (upgrading), o que deixa clara a colisão entre conceitos tradicionais de automação em bibliotecas com as atuais perspectivas do mundo de redes.

A ligação de sistemas automatizados de bibliotecas em redes - particularmente dos "sistemas integrados" que combinam funções que permitem acesso público (como o catálogo) e funções

administrativas (como aquisição) - também trazem problemas de gerenciamento, tanto em nível político quanto em nível técnico, dos aspectos de segurança.

Algumas redes instaladas em campi universitários usam o chamado "multi-protocolo", já que diferentes redes cobrem as universidades, com diferentes exigências e padrões.

Porém muitas universidades estão aderindo ao protocolo recomendado para integração à rede INTERNET, o TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol), que é o protocolo mais comumente usado para comunicação interinstitucional.

Porque o protocolo TCP/IP é próprio para trabalho no ambiente INTERNET, qualquer computador ligado a INTERNET pode se comunicar com qualquer outro, com a mesma facilidade que máquinas são interligadas numa simples rede local.

É essencial que a biblioteca tenha percepção da importância vital de estar ligada não somente a uma rede institucional local, mas também a redes nacionais e internacionais, que garantam acesso a outras instituições. Qualquer biblioteca, com um micro, uma linha telefônica e um modem poderá ter acesso a uma rede. Por exemplo, cadastrando-se como usuário do Alter Nex, serviço do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e da Associação para o Progresso das Comunicações (APC), qualquer pessoa ou instituição poderá ter acesso direto à INTERNET. Integrando essas redes, a biblioteca deverá decidir sobre que serviços irá oferecer à comunidade, e como os recursos oferecidos pela rede podem ser utilizados no sentido de melhorar a performance dos seus serviços e a alcançar os objetivos da instituição.

O protocolo TCP/IP inclui três funções disponíveis na rede INTERNET:

- correio eletrônico (E-MAIL)
- conexão interativa a um computador remoto, que permite abrir uma sessão de trabalho em qualquer terminal ligado à rede (TELNET)
- transferência de arquivos para qualquer endereço dentro da rede (FTP).

Os serviços de referência são os grandes beneficiados pela integração da instituição à INTERNET, que se utilizam de cada

uma das três aplicações citadas da rede para desenvolver diferentes atividades de referência. A seguir são citadas as funções e atividades para as quais são utilizadas:

1) E-MAIL possibilita:

- comunicação com outros colegas;
- comunicação com usuários sendo atendidos fora da biblioteca;
- solicitação de pesquisa a outras bibliotecas;
- recebimento de sugestões para novas aquisições;
- pedido de empréstimo entre bibliotecas;
- discussão de temas;
- troca de informações sobre um mesmo tópico.

2) TELNET é usado para:

- pesquisa a catálogos online de bibliotecas (naturalmente o acesso às obras seria posteriormente pleiteado através de empréstimo entre bibliotecas);
- pesquisa em sistemas online, como LEXIS, MEDLINE etc., que correspondem geralmente a versões computarizadas dos índices e abstracts impressos, e são bases disponíveis mediante pagamento de uma taxa de uso;
- escanear sumários de publicações periódicas (browsing), sendo que os artigos podem ser obtidos eletronicamente através de comandos específicos;
- pesquisa em bases de dados de texto completo (full-text), como as bases da Bíblia (BIBLE), da obra de DANTE e de SHAKESPEARE.

3) FTP serve para:

- cópia de arquivos via INTERNET, permitindo migração de dados - downloading (geralmente de um computador maior para um micro) e uploading (micro enviando dados para computador maior);
- obtenção e resultados de pesquisa;
- listas de endereçamento;
- troca de informação técnica.

Outros instrumentos disponíveis na INTERNET e importantes no serviço de atendimento aos usuários são Archie, Gopher, Veronica e Jughead, entre outros.

Archie é um serviço de consulta que corresponde a um índice internacional a arquivos eletrônicos, isto é, um índice dos recursos disponíveis para a função FTP.

Gopher é um sistema de menu indicativo de todos os arquivos disponíveis, apresentado de forma amistosa, possibilitando acesso a índices e catálogos de bibliotecas, dados estatísticos, bases de dados bibliográficas e de texto completo, revistas e livros eletrônicos, resumos dos artigos publicados em jornais do dia. O primeiro gopher foi organizado pela Universidade de Minnesota, possibilitando acesso público gratuito via INTERNET, e também o gopher da Universidade de São Paulo pode ser consultado por todos, citando apenas dois dentre os vários acessíveis via rede.

Veronica é um índice para os gophers, que permite consulta por palavras-chave, e oferece duas opções de busca: em diretórios e em texto completo.

Jughead, da Universidade de Utan, é outro índice para os recursos disponíveis nos gophers, que admite uso de operadores booleanos e truncamento no processo de busca.

As listas de discussões eletrônicas (listservers), indicam os grupos interessados em discutir assuntos de natureza diversa, e servem como fonte sobre assuntos obscuros, já que contam com a participação de pessoas que lidam com aquele tipo de informação.

Profissionais de bibliotecas especializadas têm ressaltado a importância da participação nesses grupos como forma de quebrar o isolamento em que geralmente trabalham, e de estabelecer discussões atualizadas e obter respostas importantes para o desenvolvimento do seu trabalho.

É o caso do MEDLIB-L, iniciado em 1991, como fórum eletrônico para discutir questões práticas e teóricas do serviço técnico e de referência na área de ciência da saúde. Depois de um ano de operação, 604 bibliotecários estavam inscritos no grupo, procedentes de 17 países, e mais da metade dos assinantes colocam cerca de duas mensagens por dia na rede. Outro exemplo de lista de discussão é a BUSLIB-L, que começou em 1990, e reúne bibliotecários da área

de administração e negócios. Discutem desenvolvimento de coleções, armazenamento, disseminação de informação sobre negócios, avaliam o uso de bases de dados em CD-ROM versus online na área, orientação bibliográfica e outros serviços prestados aos usuários.

A participação nas listas de discussões da INTERNET/BITNET é majoritariamente de membros da comunidade acadêmica (estima-se que 90% do uso da INTERNET é feito por universidades). Nas bibliotecas universitárias onde a INTERNET é muito utilizada, reconhecida a sua contribuição para melhorar a comunicação entre bibliotecários e entre usuários e instituição, agilizando serviços como empréstimo entre bibliotecas e, principalmente, aumentando a capacidade de resposta ao usuário.

Outro fator decisivo para a popularidade da INTERNET é a disponibilidade na rede de fontes de informação sem cobrança de taxa de uso. Instituições se sentem prestigiadas ao oferecer serviços de alta qualidade a centenas de universidades, faculdades e pesquisadores ao redor de todo o mundo. É o caso da Universidade de Minnesota que se tornou conhecida por franquear o uso do primeiro gopher via INTERNET, e de várias bibliotecas que permitem acesso público aos seus catálogos bibliográficos (OPACs), como Boston University, Colorado Alliance of Research Libraries (CARL) e London University King's College, entre outras.

A participação em rede de computadores permite a racionalização e o compartilhamento de recursos, já que programas e bases que se tornam disponíveis a qualquer usuário da rede, independentemente da localização física desses recursos: Muitas dessas bases se tornam acessáveis desde que a biblioteca esteja inscrita como usuária, possua uma conta no sistema remoto e pague por sua utilização.

Algumas das características das informações, disponíveis através da rede, devem ainda ser comentadas, sendo para isso necessário mencionar um pouco do histórico da rede.

Concebida há 25 anos, durante o período da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, como a solução para um problema de segurança militar - seria uma rede descentralizada, não sujeita a ser destruída por bombardeios, ligando centros estratégicos de pesquisa e tecnologia, de forma que vários pontos (nós da rede) teriam o mesmo status, e a informação seria

intercambiável entre qualquer dos nós. Com o nome de ARPAnet cresceu controlada pelo governo, baseada em um programa de domínio público, o TCP/IP, o que possibilitou que rapidamente cientistas, pesquisadores, estudantes, curiosos em computação integrassem a rede, tornando-a a anárquica INTERNET, hoje espalhada por 137 países, conectada a 18 mil redes, e com milhões de novos adeptos anualmente.

Como a informação é colocada por pessoas que estão pesquisando ou trabalhando em determinada área; ou simplesmente emitindo opinião sobre um assunto, não há normalização e nem editoração, as contribuições recebidas na discussão de determinado tema não são datadas e, muitas vezes, sem identificação de quem forneceu tal informação. Isso representa certamente uma limitação (ou problema!) da INTERNET como fonte, bem diferente das fontes bibliográficas sistematizadas com as quais os bibliotecários habitualmente lidam nos serviços de referência. Outra ameaça que paira sobre a rede, também sobre o aspecto da qualidade da informação, é que, reconhecida como a "superestrada da informação", despertou o interesse comercial entre as empresas, que, informadas do crescente número de participantes da rede, a vêem como meio de influenciar consumo, com enorme potencialidade para divulgar prestação de serviços e anunciar produtos. Os antigos usuários da rede, na maioria de vocação acadêmica, temem que esses novos usuários tragam lixo e ruído para o sistema de informação existente, desrespeitando o informal mas existente código de ética da utilização da rede.

No futuro, as novas tecnologias tornarão possível a transmissão de imagem e som através de computadores, permitindo também as "videoconferências", que são reuniões congregando participantes à distância através das redes.

A integração da tecnologia da TV com as de comunicação virtual deverão facilitar ainda mais o acesso às bibliotecas e a comunicação entre as pessoas.

Tendências no avanço dos computadores, da eletrônica, de comunicações celulares, de fibras ópticas e de outras tecnologias deverão convergir, de modo que por volta do ano 2000 a tecnologia da informação seja a força determinante nas sociedades modernas.

Depois da invenção de Gutemberg, será que em algum outro momento os serviços de informação tiveram perspectivas de maior avanço e democratização?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COVERT-VAIL, Lucinda. Notas do "Seminário sobre INTERNET", realizado na UFES de 4 a 8 de abril de 1994.
- EDITOR idealiza a comunidade virtual. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jul. 1994. Mais! p. 6.
- ELMER - DEWITT, Philip. Battle for the soul of the INTERNET, **Time**, p. 50-56, July 25, 1994.
- FABRIZ, Maria Helena. Um giro pelo mundo através da INTERNET. **A Gazeta**, Vitória, 31 ago. 1994. Caderno Dois, p. 8.
- INTERNET: uma rede planetária sem centro e sem fronteiras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jul. 1994. Mais! p. 5.
- HALAL, William E. The information technology revolution. **The futurist**, v. 26, n. 4, p. 10-14, Jul./Aug. 1992.
- KRANICH, Nancy C. The selling of cyberspace: can libraries protect public access? **Library Journal**, v. 118, n. 19, p. 34-37, Nov. 15, 1993.
- LADNER, Sharyn J., TILLMAN, Hope N. Using the Internet for reference. **Online**, v. 17, n. 1, p. 45-51, Jan. 1993.
- LYNCH, Clifford A. Linking library automation systems in the Internet: functional requirements, planning and policy issues. **Library Hi-Tech.**, v. 7, n. 4, p. 7-18, 1989.
- WILSON, David L. Eletronic riches are free on the Internet, but some worry about the consequences. **The Chronicle of Hiaher Educa-tion**, v. 39, n. 47, p. A18, A20-A21, July 28, 1993.

ABSTRACT:

Libraries must join networks in order to improve services and to share resources. The use of INTERNET resources by library services.

A Leitura no SUMMARY OF INVESTIGATIONS RELATING TO READING (1986-1991) (*)

Geraldina Porto Witter

RESUMO

O objetivo do trabalho foi estudar as áreas concernente a pesquisa sobre leitura presentes na base de dados usada na presente investigação, Summary of Investigations Relating to Reading. Fisiologia e Psicologia da leitura é a área de maior produção (45,14%) vindo a seguir o Ensino da Leitura (22,98%). Nos **Summaries** (0,70%) predominam os estudos em inglês.

Palavras-chave: Leitura. Pesquisas em leitura. Áreas em estudos de leitura.

A leitura é um comportamento freqüentemente requerido do homem moderno quer como fonte de informação e formação, quer como lazer, quer como forma de realização pessoal, quer como veículo de integração social. Ela tem merecido a atenção de pedagogos, psicólogos, sociólogos, lingüistas, políticos, antropólogos, entre outros, indo a pesquisa de aspectos micro a aspectos macros.

A relevância da matéria e a produtividade da área fez com que várias revistas que constituem obra de referência do tipo abstracts e index passassem a cuidar de incluir esta produção. A International Reading Association mantém há vários anos uma obra de especial interesse e valor na área. Trata-se do **Summary of Investigations Relating to Reading** que cobre a produção de junho de um ano a julho do ano seguinte. Ela cobre a produção de textos de pesquisas sobre leitura, publicados em perto de mil periódicos, predominantemente do hemisfério norte.

(*) A autora agradece a Euphazia Nudi Triboni pela colaboração na tabulação e tratamento dos dados.

Uma análise da produção que aparece nestes sumários permite conhecer os temas de maior produção, os temas emergentes, as áreas de conhecimento que mais têm produzido para o setor, tendências metodológicas e teóricas. Isto implica em uma pesquisa bibliográfica em termos de meta-ciência posto que o material bibliográfico básico sobre o qual se baseia o presente trabalho decorreu do levantamento sistemático e da organização dos textos conforme aparecem nos Summary.

A pesquisa bibliográfica bem como a que procura evidenciar o "estado de arte" em algum setor do conhecimento humano são úteis de várias formas quer para o pesquisador quer para os docentes e profissionais que atuam nas várias áreas do conhecimento. Muitas vezes elas não atendem a todos os requisitos de uma boa pesquisa bibliográfica, exagerando nas análises de uns poucos artigos; não definindo precisamente os limites temporais e de materiais pesquisados; restringindo-se a uma visão pessoal do autor, sem parâmetros ou limitando-se a uma pretensa análise qualitativa sem qualquer sustentação metodológica que permita classificar o produto como pesquisa. Neste sentido tem havido internacionalmente um esforço de metaciência no sentido de aprimorar trabalhos deste tipo (Witter, 1990; Mucchielli, 1991; Mullen, Salas e Miller, 1991; Cooper & Lemke, 1991).

Os objetivos do presente trabalho foram analisar comparativamente as áreas de produção do conhecimento científico relativos à leitura; analisar a produção que sintetiza ou organiza a produção científica na área (Summaries).

MÉTODO

Material - Foi usado como corpus de pesquisa os resumos dos artigos arrolados em cinco volumes do **Summary of Investigations Relating to Reading** compreendendo os períodos: julho de 1986 a junho de 1987; julho de 1987 a junho de 1988; julho de 1988 a junho de 1989; julho de 1989 a junho de 1990; e julho de 1990 a junho de 1991, portanto correspondendo a cinco anos de produção. Durante todo este período o editor da publicação foi Sam Weitraub, o qual sempre contou com a colaboração de uma equipe altamente categorizada. Ao todo foram analisados 3.854

resumos de publicações no total, dentre os quais foram destacadas as 27 pesquisas bibliográficas registradas no período.

Procedimento - Tendo por suporte os volumes pesquisados, cada resumo foi analisado de acordo com os temas e sub-temas pelos quais estão organizados na própria fonte de referência e em categorias de interesse específico do presente estudo. Optou-se por apresentar as categorias de análise junto aos resultados para facilitar a compreensão dos dados. Quando necessário recorreu-se ao auxílio de juízes para validar a categorização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira análise consistiu no estudo dos temas e subtemas pelos quais os textos aparecem organizados. Como trata-se de uma organização concretizada por uma equipe de especialistas, de renome internacional, considerou-se dispensável o concurso de juízes, posto que a categorização de temas já estava validada por consenso, na fonte. Além disso é uma categorização que vem sendo usada há cerca de 50 anos (com inclusões e exclusões).

Seis categorias de temas aparecem em cada **Summary**: (1) Sumários de Pesquisas em Leitura; (2) Preparo e Prática de Professores; (3) Sociologia da Leitura; (4) Fisiologia e Psicologia da Leitura; (5) Ensino de Leitura e (6) A Leitura de Leitores Atípicos. Exceto pelo primeiro, os vários temas incluem sub-temas que nem sempre aparecem em todos os anos, dependendo, naturalmente, da produção levantada.

A Tabela 01 apresenta os resultados numéricos, por volume, para cada tema.

Conforme demonstram os dados da Tabela 01, nos cinco anos pesquisados a temática prevalescente é Fisiologia e Psicologia da Leitura, alcançando no total 45,14% da produção e em 1988/1989 ficou com 51,60%. Possivelmente isto decorra do fato de ser esta a área mais antiga de pesquisa e uma das de maior produção no âmbito da Psicologia, sendo que muitos dos trabalhos que aparecem em Ensino de Leitura, 2ª área de produção (22,98%), levam a assinatura de psicólogos, o mesmo ocorrendo nas demais áreas.

TABELA 1 - Produção de Pesquisa por Área Temática nos Cinco Volumes

Temas sobre Leitura:	Volume		1986 - 1987		1987 - 1988		1988 - 1989		1989 - 1990		1990 - 1991		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
1. Sumários de Pesquisa	6	0,67	8	0,90	4	0,50	5	0,80	4	0,59	27	0,70	27	0,70
2. Preparo, Prat. Professores	64	7,18	57	6,30	31	4,00	37	5,92	60	8,91	249	6,46	249	6,46
3. Sociologia	170	19,24	208	22,85	116	15,15	119	19,04	130	19,31	743	19,27	743	19,27
4. Fisiologia e Psicologia	399	45,25	397	43,60	394	51,60	261	41,82	289	42,94	1740	45,14	1740	45,14
5. Ensino de Leitura	213	24,05	183	20,05	176	23,05	163	26,12	151	22,43	886	22,98	886	22,98
6. Leitura e Leitores Atípicos	31	3,50	58	6,35	42	5,45	39	6,25	39	5,79	209	5,42	209	5,42
Total	883	99,89	911	100,00	763	100,02	624	99,95	673	99,97	3854	99,97	3854	99,97

Para verificar se a distribuição entre os temas era homogênea, foi feito o teste de X^2 , para n.g.l. = 5, n. sig. = 0,05 e $X^2c = 11,07$. Foi obtido $X_0 = 3.102,86$ podendo-se concluir que a distribuição não é homogênea, estando abaixo do esperado nos Temas 1, 2 e 6 e, nas demais, a ocorrência foi superior ao esperado em uma distribuição eqüitativa.

Em sumários registrou-se no todo 0,70%, variando de 0,50 a 0,90. Todavia era de se esperar baixas freqüências nesta temática, uma vez que sumários de pesquisa só se justificam face ao grande volume de investigações mas não há necessidade de muitas sínteses, embora sejam trabalhos de muita utilidade para os pesquisadores. Vale lembrar ainda que neste tema são incluídos apenas revisões que se encaixam metodologicamente em pesquisas bibliográficas e não trabalhos teóricos em que o autor faz alguma reflexão sobre textos levantados a esmo ou assis-tematicamente.

No primeiro ano aqui analisado aparece o registro de uma pesquisa de levantamento, conduzida na Inglaterra, por Bentley e Goodacre (1985) na qual foi feito um registro não apenas das pesquisas concluídas, mas também das em andamento, isto é, cobrindo a literatura cinzenta de pesquisa em leitura. A matéria enfoca autor, título do trabalho, instituição, ano em que começou, ano em que foi completada a pesquisa, se a pesquisa visava título de mestre ou doutor e se era financiada por alguma agência. A esta literatura cinzenta as autoras acrescentaram 35 resumos de pesquisas sobre leituras realizadas naquele país no ano com que conduziram seu trabalho.

Durst e Marshall (1986) organizaram a produção sobre pesquisas enfocando o ensino do inglês, também considerando tanto a produção publicada quanto as pesquisas não publicadas. Contaram com a cooperação da ERIC Clearing House. Organizaram o material cobrindo os tópicos: escrita, linguagem, literatura e educação do professor.

Goodacre (1985) fez uma revisão das pesquisas publicadas na Inglaterra, durante o ano de 1984, resumindo-as e classificando-as tematicamente (desenvolvimento, padrões e testes, dislexia, retardo em leitura, materiais de leitura e interesses). Além de resumir as pesquisas a autora faz uma análise de citação e arrola outros artigos e livros sobre leitura, em uma parte final, que

podem ser úteis ao leitor. A mesma autora trabalhou em colaboração com Bentley (1986) dando continuidade ao **British Register of Reading Research**, já no seu nº 11 o qual é uma publicação, do mesmo tipo já referido aqui (Bentley e Goodacre, 1985).

Marshall e Durst (1987) deram continuidade à série de pesquisas que estão fazendo, tendo em vista uma base de dados quanto ao ensino do inglês, conforme já foi mencionado aqui.

No ano seguinte (1987/1988) o que se encontra é um quadro similar, dando continuidade aos registros anuais já mencionados. Assim ocorre com os trabalhos de Durst e Marshall (1987), Goodacre (1987a e b); Goodacre e Bentley (1987); Marshall e Durst (1988), e, naturalmente, com Weitraub (1988). Entretanto, no **Summary** deste ano aparecem alguns outros registros.

A Developmental Medicine & Child Neurology (1987) publicou uma seleção de livros e artigos do ano de 1986 tratando da leitura relacionada com distúrbios da comunicação e da linguagem.

Greaney (1985) fez uma revisão das pesquisas sobre leitura publicadas na Irlanda enfocando: métodos de ensino, materiais didáticos, avaliação, remediação da leitura, leitura e desprivilegiados, recursos biblioteconômicos, correlatos ao desempenho em leitura e padrões de leitura.

Hladczuk e Eller (1987) fizeram uma compilação da bibliografia internacional, de forma comparativa, enfocando duas áreas: pesquisas internacionais e correlatos da leitura.

Na primeira, destacaram: pesquisa intercultural, pesquisas mundiais regionalizadas e pesquisas nacionais. Vários correlatos da leitura foram destacados.

Em Weintraub (1990) aparece o registro de apenas quatro trabalhos sendo um deles o do próprio Weintraub relativo ao período anterior, os demais consistem nos levantamentos sistemáticos de aspectos já mencionados em relação ao observado nos anos anteriores. Trata-se dos seguintes trabalhos: Durst e Marshall (1988), Goodacre e Bentley (1988) e o de Marshall e Durst (1989), enfocando os temas anteriormente referidos.

Conforme os dados da Tabela 01 indicam, no período de junho de 1989 a junho de 1990 aparecem na sessão de Summaries cinco referências, sendo uma de Weintraub (1990) e deram

continuidade aos sumários anuais os autores Durst e Marshall (1989) e Marshall e Durst (1989) mantendo as mesmas linhas de levantamento bibliográfico. O levantamento do que foi publicado sobre pesquisa em leitura na Inglaterra ficou sob a responsabilidade de Bentley e Raban (1989/1990) e Raban e Greekie (1989) cobriram o tema na Grã-Bretanha.

Em Weintraub (1992) também constam, além do registro da pesquisa que o próprio coordenou (1991), mais três trabalhos todos mantendo as linhas de investigação já referidas. Desta forma, Durst e Marshall (1990) reaparecem com a bibliografia anotada sobre o ensino de inglês; Marshall e Durst (1991) enfocando o ensino de inglês e Raban (1990) levantando e analisando a bibliografia sobre a pesquisa em leitura na Grã-Bretanha (aproximadamente 65 pesquisas).

Mais do que a presença de pesquisas bibliográficas sistemáticas sobre temas específicos na área, chama a atenção a ausência de pesquisas similares enfocando a pesquisa em outros países e em outras línguas. Esta ausência pode estar ocorrendo em função da falta de apoio de serviços biblioteconômicos e de bases de dados em países de outras línguas dificultando as pesquisas do tipo aqui analisado. Este pode ser, por exemplo, o caso de países como o Brasil onde a maioria das revistas têm problema de periodização e de indexação dificultando esta modalidade de trabalho, não havendo também bancos de dados. Outra variável é o próprio conjunto de periódicos e anais de eventos monitorados pelos **Summaries**. Tratam-se de revistas escritas predominantemente em inglês, embora de outros países, como Canadá, Nova Zelândia, Alemanha e anais internacionais. Talvez, pelas peculiaridades das revistas científicas de países do terceiro mundo e pela carência deste tipo de pesquisas nos mesmos, elas não estejam sendo arroladas na obra de referência aqui pesquisada. Isto é lamentável e espera-se que associações e sociedades científicas destes países possam prover pesquisas deste tipo, dada a relevância das mesmas para os pesquisadores e para as pessoas que trabalham na área.

A complexidade e a dificuldade deste tipo de pesquisa explica que raramente aparece como um trabalho individual. Neste caso são aspectos mais restritos e específicos, períodos mais curtos que constituem objeto da pesquisa. O mais comum é um trabalho de equipe, o qual, quando tem a abrangência dada pelos **Summaries**,

requer uma equipe numerosa. Também é freqüente que as mesmas pessoas conduzam, ano após ano, o mesmo tipo de trabalho, o que de certa forma garante a homogeneidade metodológica e a organização da informação de forma similar.

Isto facilita o trabalho de quem recorre a estas fontes.

Pode-se concluir que: a) a produção de investigações sobre as pesquisas na área de leitura estão sendo realizadas dentro do esperado em termos percentuais;

b) o trabalho tende a ser conduzido por equipe;

c) é notável a ausência de trabalhos enfocando a produção em outras línguas que não a inglesa.

Seria relevante compor equipes que cobrissem a produção científica em outras línguas e nos países em desenvolvimento, ainda que elas não pudessem ter a completude e a precisão de esgotar as fontes estabelecidas como alvo.

Pode-se concluir ainda que a frequência da produção dos vários temas tende estabilidade, sendo maior a contribuição de Fisiologia e Psicologia da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTLEY, D. & GOODACRE, E. (1985). **British register of reading research**, nº 10. Reading, Berkshire: University of Reading, School of Education.
- BENTLEY, D. & RABAN, B. (1989/1990). **British register of reading research**, nº 14 and **Reading research review**. Reading, Berkshire: University of Reading, Reading and Language Information Centre.
- DEVELOPMENTAL MEDICINE & CHILD NEUROLOGY (1987). Section on Disorders of Communication and Hearing. Bibliography of Developmental Medicine & Child Neurology: selected books articles received in 1986. 29, 58-63.
- DURST, R. K. & MARSHALL, J. D. (1986). Annotated bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 20, 410-429.

- DURST, R. K. & MARSHALL, J. D. (1987). Annotated bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 27, 422-443.
- DURST, R. K. & MARSHALL, J. D. (1988). Annotated bibliography in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 22, 434-452.
- DURST, R. K. & MARSHALL, J. D. (1989). Annotated bibliography of research in the teaching of English, **Research in the teaching of English**, 23, 424-442.
- DURST, R. K. & MARSHALL, J. D. (1990). Annotated bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 24, 441-457.
- GREANEY, V. (1985). Reading: How we are doing? **Irish papers presented at Fourth European Reading Congress and Tenth Annual Conference of the Reading Association of Ireland**: 201-240.
- GOODACRE, E. J. (1985). **Reading Research Review 1984**. Reading Berkshire: University of Reading, School of Education.
- GOODACRE, E. J. (1987a). Reading Research in Great Britain-1985. **Reading**, 21, 16-29.
- GOODACRE, E. J. (1987b). **Reading Research Review, 1985**. Reading, Berkshire: University of Reading, School of Education.
- GOODACRE, E. J. & BENTLEY, D. (1987). **British register of reading research**, nº 12. Reading, Berkshire: University of Reading, School of Education.
- GOODACRE, E.J. & BENTLEY, D. (1988). **British register of reading research**, nº 13. Reading, Berkshire: University of Reading, School of Education.
- GOODACRE, E.J. & DURST, R. K. (1987). **British register of research**, nº 11. Reading, Berkshire: University of Reading, School of Education.
- HLADCZUK, J. & ELLER, W. (1987). **Comparative Reading: An International Bibliography**. Westport, CT: Greenwood Press.
- MARSHALL, J.D. & DURST, R. K. (1988). Annotated Bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**. 22, 213-227.

- MARSHALL, J. D. & DURST, R. K. (1989). Annotated Bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 23, 208-222.
- MARSHALL, J. D. & DURST, R. K. (1991). Annotated Bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 24, 205-221.
- MARSHALL, J. D. & DURST, R. K. (1991). Annotated Bibliography of research in the teaching of English. **Research in the teaching of English**, 25, 236-253.
- RABAN, B. & GEENKIE, P. (1989). Reading research in Great Britain in 1987. **Reading**, 23, 133-149.
- RABAN, B. & GEENKIE, P. (1990). Reading research in Great Britain in 1988. **Reading**, 24, 107-127.
- WEINTRAUB, S. (ed) (1987). **Summary of investigations relating to reading (1985/1986)**. Newark, Del: IRA.
- WEINTRAUB, S. (ed) (1988). **Summary of investigations relating to reading (1986/1987)**. Newark, Del: IRA.
- WEINTRAUB, S. (ed) (1989). **Summary of investigations relating to reading (1987/1988)**. Newark, Del: IRA.
- WEINTRAUB, S. (ed) (1990). **Summary of investigations relating to reading (1988/1989)**. Newark, Del: IRA.
- WEINTRAUB, S. (ed) (1991). **Summary of investigations relating to reading (1989/1990)**. Newark, Del: IRA.
- WEINTRAUB, S. (ed) (1992). **Summary of investigations relating to reading (1990/1991)**. Newark, Del: IRA.

ABSTRACT

Reading in the Summary of Investigations Relating to Reading (1986-1991).

The aim of the paper was to study the studies areas concerning to the reading research and the summaries of reading research present in the data base used in the present investigations. Physiology and Psychology of Reading is the area of most production (45,14%), in second place is the Teaching of the Reading (22,98%). In the **Summaries** (0,70%) the English studies are the most frequent researches.

Key-words: Reading. Reading research. Reading studies areas.

LEITURA - UM CAMINHO PARA A CIDADANIA*

Raimunda Ramos Marinho**

RESUMO

Aborda-se a leitura associada às questões sociais, e mais especificamente como um dos caminhos para alcançar a cidadania.

Palavras-chave: Leitura-cidadania. Cidadania-leitura.

Diante da complexidade e amplitude inerente ao assunto em foco, torna-se necessário o estabelecimento de limites acerca desta reflexão.

Parte-se, portanto, da concepção de leitura associada às questões sociais, e mais especificamente como um dos caminhos para alcançar a cidadania.

Entendendo-se cidadania em sua concepção mais simples, temos como um conjunto de direitos e deveres do indivíduo na sociedade. Portanto, presume-se que para o homem constituir-se em cidadão precisa ter seus direitos não somente assegurados em documentos, mas concretamente no seu cotidiano, de forma a garantir os bens materiais, sociais, necessários a sua formação enquanto ser. Para tanto, somente através de uma participação ativa na vida da sociedade serão garantidos esses direitos. Participação esta que se dá de diferentes formas e meios.

Dentre estes, inclui-se a LEITURA, pois "é absolutamente impossível a formação da cidadania quando se recusa ao cidadão os

(*) Trabalho apresentado à disciplina Processos de Leitura, ministrada pela professora Dra. Else Benetti M. Válio, do curso de mestrado em Biblioteconomia - PUCCAMP - 2º semestre/1993.

(**) Bibliotecária da EMBRAPA/CPATSA, Mestranda do Depto. Pós-Graduação em Biblioteconomia/PUCCAMP.

meios de sobrevivência, que numa sociedade como a nossa inclui o direito à leitura" (GERALDI, 1992: 197).

Neste sentido toma-se o conceito de leitura como "conhecimento de mundo" (KLEIMAN, 1989; 1993), podendo ser adquirido formal e informalmente, pelas experiências e do convívio do indivíduo em sociedade. Através das trocas lingüísticas e reconhecimento dos textos que lê, o homem toma conhecimento de si mesmo, do mundo, ao mesmo tempo em que participa das transformações em todas as esferas.

Nesta perspectiva tem-se a leitura como um processo dinâmico, além do ato sistemático de alfabetizar e de formação intelectual do indivíduo. Mas como uma prática social. Prática esta que se consubstancia mediante a interrelação entre os sujeitos envolvidos no ato de ler: o autor, o leitor, mediatizados pelo texto.

Esta mediatização, porém, pode assumir diferentes conotações, dependendo do conhecimento prévio, de repertório cultural, das argumentações do autor, da interpretação e reflexão do leitor, acrescido do domínio do código, propiciando assim alienação ou conscientização.

Alienação, no sentido de que a leitura é vista como processo mecânico, autômato, reproduzidor de simulacro, onde o leitor é sujeito passivo do ato de ler e o texto possui uma única verdade, ou seja, não propicia a reflexão, resultando na "cultura do silêncio" como diz FREIRE (1989)

Conscientização, quando o ato de ler leva o leitor ao "cotejo, a constatação, a transformação" (SILVA, 1991) de si mesmo e da sua realidade. Assim, o leitor (re) constrói o texto de maneira reflexiva, atribuindo a este julgamento de valor e o contextualiza. Pois, "aprender ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios..." (MARTINS, 1984 :32)

No entanto, não se pode perder de vista que em qualquer destas possibilidades a leitura sempre é direcionada, está imbuída de ideologias, porque "qualquer que seja a enunciação [...] é socialmente dirigida" (BAKHTIN, 1992:113), portanto renunciando a qualquer tipo de neutralidade (ZILBERMAN; 1983:12). Não significando aqui unicamente a manipulação consciente para dominação discussiva ou criação da falsa consciência. Mas ideologia no sentido de orientar a ação, podendo assumir um caráter normativo e regulador desta, ou

alargar a capacidade de simbolização dos códigos, fornecendo uma identidade social e política ao indivíduo.

Se a leitura for concebida como uma prática social conscientizadora, constitui-se numa possibilidade de des-ocultamento da ideologia e como via de participação para a democratização e por conseguinte para a construção da cidadania, posto "... que o maior estímulo para a leitura crítica advém da própria dinâmica democrática, quando todos os cidadãos são encorajados a participar da vida da sua sociedade e influir nos seus destinos "(MELO, 1988: 107), passos fundamentais na caminhada em direção à conquista de condições humanas de vida.

O exercício da cidadania e a conquista das condições humanas de vida, tomando-se por base as reflexões de MARSHALL (1950), passa por três princípios básicos: o direito civil incluindo os direitos individuais de liberdade religiosa, associativa e de propriedade, o direito político com a participação do exercício do poder e pela escolha de suas representações nas estruturas, o direito social no esforço de reduzir as desigualdades sociais, buscando equilíbrio sócio-econômico entre as classes e redução das desigualdades, através da redistribuição de renda e de espaços físico-temporais para a educação e acesso à leitura, como as escolas, bibliotecas, meios de comunicação e tecnologias.

Sob este prisma a leitura assume o papel de elo das coletividades e suas relações para a unidade social; é a nascente da consciência e o desvelar do mundo, ultrapassando a bipolaridade capital e trabalho, dominante e dominado requerendo assim o domínio do conhecimento e da informação.

Destacando-se o aspecto acesso à leitura é mister ressaltar o papel fundamental da escola e da biblioteca, já que o direito à informação, ao conhecimento e à formação de habilidades cognitivas é síntese do direito social.

Portanto, a leitura não pode ser entendida como ato estritamente relacionado ao processo formal de ensino-aprendizagem, ou a espaços definidos mas sim como uma prática exercida pelo sujeito-leitor no seu dia-a-dia, propiciada por instituições que se completam - a biblioteca e a escola.

Este processo encontra, no ambiente escolar, espaço privilegiado para se iniciar a leitura (BAMBERGER, 1986) e na

biblioteca como meio tanto para alcance deste objetivo como para o aprimoramento contínuo da produção de bens materiais e culturais, e das relações humanas.

A biblioteca, pelo seu caráter social, não pode se manter em contexto isolado, portanto não se concebe desintegrada do processo social, educacional e cultural de uma sociedade, ou como diz SILVA (1986: 68-72) "apêndice do processo educativo", mas preocupar-se "com a democratização de seu espaço, e com planejamento de programas sócio-culturais".

Assim, é necessária a prática de sua dimensão educativa, como mediadora e formadora de leitores (prática de leitura), além da atuação como agente modificador do viver, do sentir e do pensar do indivíduo, ou seja, torná-los verdadeiramente cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKHTIN, Mikail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992.
2. BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo, Ática/UNESCO, 1986.
3. FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1989.
4. GERALDI, J. W. Ainda e sempre-leitura. In: *Leitura: autonomia, trabalho e cidadania*. 8º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, 1991. UNICAMP/CNPq, 1992. p. 195-98.
5. KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, Pontes, 1989.
6. ————. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, Pontes, 1993.
7. MARSHALL, T. H. **Citizenship and social class**. Cambridge, Cambridge University Press, 1950.
8. MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

9. MELO J. M. de. Comunicação social: da leitura à leitura. **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**. SILVA, E. T. & ZILBERMAN, R. (org.) São Paulo, Ática, 1988.
10. SILVA, E. T. da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo, Ática, 1991.
11. _____ . **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, Papyrus, 1986.
12. ZILBERMAN, R. Sociedade e democratização da leitura. **Leitura: Teoria & Prática**. v. 2, n. 1, 1983.

ABSTRACT

The focus is on reading and social affairs, more property of one of the main drives to reach a real citizenship.

Key- words: Reading-Citizenship. Citizenship-Reading.

RESENHAS

PAULO FREIRE POR PAULO ROSAS

ROSAS, P. **Como vejo Paulo Freire**. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Pernambuco, Novembro de 1991, 40p.

Para comemorar os 70 anos do conhecido educador brasileiro Paulo Freire, a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Pernambuco pediu a outro reconhecido educador, psicólogo e historiador, Paulo Rosas, que escrevesse um opúsculo sobre o primeiro. A Secretaria o editou como uma homenagem a Freire.

O ponto de partida foi uma conferência proferida pelo autor antes, recomposto para ser lido na Reunião Plenária do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco (18/set/1991) para comemorar os 70 anos de Paulo Freire, o qual fez parte do mesmo conselho no passado (1963/1964).

É um depoimento parcial, de um amigo de mais de 30 anos, mas que evidencia pontos de união, períodos de colaboração. Trata principalmente do partilhar de vivências ocorrido entre 1955 e 1964. Procura rememorar os caminhos percorridos por Freire, "caminhos que, como ele diria, se confundem com o caminhante" (p. 2).

Lembra os tempos vivenciados na Escola de Serviço Social de Pernambuco e Rosas apresenta sua versão de Freire como educador. Passa a falar da atuação de Freire no SESI. Rosas preservou em seu arquivo pessoal programas, resumos de aulas e cursos da época, que era como exemplificação do caminhar de Freire.

A preocupação com os pais e sua incorporação no processo educacional é o tópico seguinte. Os outros são: Movimento de Cultura Popular (MEP), o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. O Paulo Freire sensível e telúrico é recuperado com a apresentação dos seus versos "Recife de Sempre".

O autor acrescenta no final da obra anexos e notas que elucidam ou documentam algumas de suas assertivas.

Evidentemente, no espaço e nas contingências que nortearam o discurso de Paulo Rosas pouco se pode dizer e ao torná-lo abrangente perde-se a possibilidade de aprofundar a matéria. Rosas fala de Freire, este falar pode ser um esqueleto de uma obra mais profunda, no possível isenta, mais documentada: Paulo Freire por Paulo Rosas. Fica aqui a solicitação de um avançar neste exame.

O presente opúsculo é útil em qualquer curso em que Freire e sua obra sejam objeto de atenção.

Geraldina Porto Witter
PUCAMP

DIVERSAS FORMAS DE DISCUTIR LINGUAGEM

MARTINS, Maria Helena. **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991. 105p.

A diversidade de textos reunidos nesta obra e organizados por Maria Helena Martins, tratando de um mesmo assunto de formas diferentes, fazem deste livro um prazeroso instrumento de leitura.

Os textos são coletâneas de trabalhos, de vários autores, tratando da questão da linguagem e sua problematização.

O primeiro texto "Linguagem e educação", de Haqira Osakabe, trata do exercício da linguagem no magistério, de acordo com este "Muito pouco tem a ensinar a escola pública brasileira atual aos cidadãos das camadas populares nas exigências lingüísticas mais imediatas, no contexto particular, na intimidade de suas relações mais próximas" (p. 9).

A seguir vem o texto de Adilson Odair Citelli, "O ensino de linguagem verbal: em torno do planejamento" que foi escrito com o intuito de responder a uma indagação "saber como introduzir no planejamento de língua portuguesa um espaço para analisar a presença da linguagem verbal nos meios de comunicação de massa" (p. 12). Partindo da análise de um slogan da Sadia, onde foi usado de forma imprópria um artigo, o autor tece considerações acerca dos males causados pela publicidade no uso indevido de determinados vernáculos, que por vezes deixa o sentido de uma palavra alterado devido a sua colocação. Cabe ressaltar que vemos muito isso nos programas infantis na TV.

"Da ciência à poesia e vice-versa" é o texto de Marisa Lajolo, que trata do uso da linguagem nas ciências buscando o que

diferencia esta de outras linguagens. Para exemplificar a objetividade da linguagem científica, a autora faz uso de pequenos textos extraídos de livros escolares, o que torna a leitura desse artigo bastante interessante, principalmente no momento em que confrontamos esses textos.

No trabalho "Cartilhas: a negação do leitor", a autora, Mary Julia M. Dietzsch estudou as cartilhas utilizadas nas escolas paulistas entre as décadas de 1930 e 1970 "(...) na tentativa de se buscar nas entrelinhas do seu discurso, o sentido de sua fala" (p.30). Esta analisou as cartilhas no sentido de buscar nessas sua eficiência no processo de alfabetização e formação de leitores, mostrando que abolir o uso da cartilha não seria a solução para o fracasso da alfabetização. Basta dizer que todos nós fomos alfabetizados através da cartilha e sobrevivemos a isso. Não basta criticar a cartilha do professor para que a alfabetização seja um processo menos fracassado. É necessário dar-lhe condições para que alfabetize.

O texto de João Wanderley Geraldi, "O professor como leitor do texto do aluno", mostra como o professor lê os textos de seus alunos esquecendo-se do trabalho com a linguagem e "(...) que a leitura dos textos dos alunos pode ser o primeiro caminho para um trabalho sobre a linguagem." (p. 53)

Na comunicação "A escrita como trabalho" as autoras, Raquel Salek Fiad e Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson, tecem considerações acerca da escrita como uma construção que processa-se na interação e vêem esta como um trabalho onde elas propõem o seu ensino como uma aprendizagem, mostrando como os alunos pensam a escrita e quando reescrevem, que mudanças fazem e onde "Os alunos passam a considerar um texto escrito como resultado de um trabalho consciente, deliberado, planejado, repensado." (p. 63)

O texto "A mediação do professor entre o texto e o leitor", de Sônia Ignez Gonçalves Fernandez, afirma que "Quanto mais tenho compreendido a assimetria entre o texto e o leitor e, as condições da interação entre ambos, mais me convenço da importância da mediação nos trabalhos com leitura na escola." (p. 64), esta mostra a interação como produto de uma atividade interpretativa que cada leitor pode dar a determinado texto e a necessidade da intervenção do mediador.

A seguir temos dois textos tratando do mesmo assunto "A leitura na escola": no primeiro a autora Maria Lúcia Zoega de Souza, coloca que não basta alfabetizar para criarmos leitores e que a leitura "(...) tem sido pensada como coisa menor na escola, ou coisa de menor como se diz (de forma bem dita) popularmente" (p. 72). Ela levanta a questão do hábito e que este é algo que fazemos mecanicamente e isso nos faz lembrar o hábito de escovar os dentes e leitura não é como escovar dentes e aqui nos reportamos às suas palavras "Ler significa saber mais, mas, ao mesmo tempo, comprometermo-nos mais: alunos e professores." (p. 76)

O segundo texto de Ana Maria Bonato Garcez Yasuda, sobre leitura, foi produzido a partir do primeiro: neste houve uma preocupação em colocar que se tem produzido muitos alfabetizados nas letras e poucos que sabem ler e que há um desejo de ler antes do indivíduo ingressar na escola e, feito isso, esse desejo se perde, pois passa a existir uma cobrança de acertos e o professor com isso não mais é um mediador, mas um cobrador de acertos. A autora finaliza seu texto de uma forma bastante clara que nos chamou a atenção: "(...) a formação de um leitor competente é também a formação de um ser sensível, inteligente e aberto para o aprendizado constante que se poderia fazer com a leitura na escola" (p. 79).

"Poder e onipotência da televisão: inquietações no ar" é o título do texto de Maria Thereza Fraga Rocco, onde ela coloca que existem cobranças que são feitas à TV juntamente com os deveres e obrigações que não são de seu cunho cumprir, e se existe algo a temer com relação a esta é mais porque não temos outras opções culturais e de lazer. Este texto é interessante na medida em que discute a questão da interferência da televisão na educação, nos mostrando que o mal não reside aí mas na própria ineficiência do sistema educacional. De acordo com a autora "Se as "tirantias" da modernidade nos atraem, mas ao mesmo tempo nos assustam, como ocorre com a TV, é preciso ter serenidade para refletir e observar que o poder da TV existe, mas não na direção em que o veículo freqüentemente é temido." (p. 93)

O último texto é de Maria Helena Martins, organizadora da presente obra, sua contribuição é: "Palavra e imagem: um diálogo,

uma provocação", que trata de linguagens que não a verbal; a autora coloca que seria enriquecedor que estas linguagens fossem aproveitadas em sala de aula, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais agradável e proveitoso.

O livro como um todo é um instrumento sério no que concerne à educação, fazendo deste um bom material de leitura para bibliotecários, educadores e demais interessados em questões de linguagem.

Marta Alves de Sousa

EBDSC

PROFESSOR: MEDIÓCRE OU MEDIOCRIZADO

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Magistério e mediocridade**. São Paulo: Cortez, 1992.

"Eu sempre quis escrever um livro de crônicas. Não inventadas pela imaginação, mas concretamente vividas, ou, no mínimo ouvidas, no cotidiano de minha prática" (p. 11). Assim Ezequiel apresenta sua mais recente produção, que se soma a tantas outras do autor que tem favorecido aos mais diferentes profissionais envolvidos com a prática educativa e com a fruição da leitura a refletirem sobre os vários determinantes que condicionam uma ação mais voltada para a realidade concreta, vivida do educando/leitor.

A obra "**Magistério e Mediocridade**" aparece em um momento oportuno quando as instituições públicas brasileiras e seus profissionais passam por um processo de desvalorização face a toda ideologia neo-liberalista em voga no país.

Este livro é um convite a rebeldia do professor, como diz o autor "O professor tem que ser ousado para deixar de ser passivo. O professor tem que ser sagaz para deixar de ser tonto"(22).

Pode-se dizer a grosso modo, que Ezequiel escreveu um livro de bolso, não só pelo seu tamanho, mas pela facilidade como frui a leitura, que é simples, coloquial, mas ao mesmo tempo profunda, de cotejo, um chamado a transformação. "Não posso assegurar de antemão os múltiplos efeitos da leitura deste livro. Talvez muitos riam, movidos pela identidade. Talvez muitos chorem frente as desgraças. Não sei." (p. 13)

A obra divide-se em duas partes. A primeira são "As histórias vividas e recontadas" onde, através de crônicas, Ezequiel

reflete e leva o leitor a refletir (ou se identificar) sobre o sucateamento que vem processando há muitos anos no magistério brasileiro, onde o profissional ganha para sobreviver, por outro lado, a escola está acéfala às mudanças que ocorre no âmbito social, político, cultural, científico e tecnológico. Assim permanece uma educação livresca e, descontextualizada; com isto há várias escamoteações (mediocridades).

Isto resulta em uma escola que não se recicla, em um professor que não é reciclado, formando um círculo vicioso e viciado, onde conteúdos e métodos adotados são um "replay" dos nossos avós e pais. Quando a escola diz-se "modernizar" é uma modernização capenga, frouxa, abstrata e aparente.

"A ideologia vai como que carcomendo feito um caruncho a mentalidade do professor. Desaviso? Descuido? De repente, o colega está acreditando na mentira que o sistema passa como verdade. Vê apenas através da lente do preconceito e da alienação. Em terra de cego, mais um cego dirigido pela bengala do opressor" (p. 22).

Na segunda parte da obra (de estudos complementares), que contém três artigos, o autor reflete sobre as questões da desvalorização do magistério no país, a exemplo do salário, burocracia, currículo dentre outros e ainda sobre a leitura enquanto prática social, que não pode ser compreendida isolada dos fatores econômicos, culturais e políticos, etc.

No artigo "A degradação do magistério brasileiro", Ezequiel faz uma retrospectiva histórica da educação: escolanovismos, a 5692/71 e ainda sobre a problemática em torno da aprovação de uma nova LDB. Sobre a década de 60, com as pedagogias do conflito centradas nas teorias/práticas de Paulo Freire, Ezequiel diz que foi este educador brasileiro que "... elaborou as bases políticas, filosóficas e metodológicas da pedagogia do diálogo, conscientizadora e libertadora, que seria capaz de atender as reais necessidades educacionais do povo brasileiro" (p. 51). Mas toda prática educativa (enquanto ato político) transformadora desta época foi suplantada pela ditadura militar.

Essa volta ao passado serviu de parâmetro para o autor refletir sobre a atual conjuntura educacional brasileira, que se caracteriza por ciclo de sissifismo (eterno recomeço). "Os retrocessos (...) são bem maiores que os avanços na virada do

século a rede pública de ensino encontra-se em fragalhos e instaura-se no Brasil, a "república da ignorância" (p.54).

Em outra incursão desta segunda parte da obra, o autor enumera os fatores que cerceam o trabalho do professor: baixa remuneração, baixa qualificação, duplas tarefas, principalmente com referência às mulheres, a burocracia escolar que dificulta uma ação livre do professor, dentre muitos outros.

Estes fatores, conforme afirma o autor, resultam em frustrações, desesperança, desestímulo que impedem os professores a não "... enxergarem os determinantes reais do seu trabalho despejam as suas frustrações no outro pólo da relação pedagógica, ou seja no aluno. Este se transforma em bode expiatório de todos os males, apresentando-se como fraco, desnutrido, inculto, bárbaro etc." (p. 63).

A educação, como as demais possibilidades de formação do indivíduo em uma sociedade capitalista dependente como a brasileira, obedece as normas e modelos impostos por diferentes ideologias de manipulação. "Seja instituindo o conformismo ao modo dominante de produção de valores a ele subjacentes, seja mascarando as contradições existentes na sociedade de classes, seja atribuindo ao professor o papel de guardião do sistema, a ideologia capitalista pré-fixa e controla o destino de todos aqueles que, por mais ou mesmo tempo, participam de instituição escolar" (p. 85).

Na última parte do trabalho são levantadas algumas questões que têm impedido a democratização da leitura no País. Os problemas são resultantes de inúmeras situações. Pensar a leitura dissociada de outros fatores (econômico, cultural, político) é tomá-la como simples abstração do real, onde leitor é objeto, ser alienado, manobrado pelo poder dominante, como diz o autor.

Acredito que esta obra contribui substancialmente para despertar o senso crítico dos educadores brasileiros, na medida em que pode levá-los a refletir sobre o seu papel na sociedade, ao mesmo tempo em que o faz despertar do marasmo, da desilusão a que estão acometidos.

César Augusto Castro

**Mestrando em Biblioteconomia da PUCAMP.
Professor da Universidade Federal do Maranhão**

**COMUNICAÇÕES
DE PESQUISA**

AS BIBLIOTECAS NO ANNUAL SUMMARY OF INVESTIGATIONS RELATING TO READING (1991/1992)

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP

O ano editorial de 1993 marca uma mudança na principal obra de referência sobre leitura existente no mundo. A mudança foi na capa.

A capa passou a ter uma nova diagramação, mais moderna e estética, com destaque para o **Annual Summary**. Anteriormente, "annual" ficava deslocado para o lado esquerdo, escrito no sentido vertical da capa, e com pouco destaque.

A obra continua sob a orientação e organização de Weintraub (1993), e no período de junho de 1991 a julho de 1992 registrou, na sub-área **Library Usage and Services**, 33 pesquisas. Este é o único sub-título em que aparece a biblioteca como termo para viabilizar a recuperação de dados. Entretanto, há outras sub-áreas de interesse para o bibliotecário preocupado com o atendimento ao seu usuário e com o acervo de sua biblioteca. Assim, podem ser de utilidade para os mesmos trabalhos arrolados nas sub-áreas: avaliação de programas e materiais; interesse e preferência (de professores, de alunos e de outros por leitura); análise de conteúdo de materiais impressos; história dos livros e da imprensa.

Das grandes áreas de organização das fontes levantadas, a Fisiologia e a Psicologia da Leitura continua sendo a de maior produtividade científica (N=244), vindo a seguir o Ensino da Leitura (N=134), a Sociologia da Leitura (N=90), o Treinamento e Preparo de Docentes (N=54), os Leitores Atípicos (N=36). Ao todo foram classificados 563 pesquisas sobre leitura.

Os trabalhos envolvendo a bibliografia e seus usuários variam quanto a temática, sujeitos, metodologia. BELL e TOTTEN (1991) estudaram o clima escolar e sua influência na relação entre os especialistas da biblioteca e os professores de escolas públicas de nível elementar, verificando, entre outros dados, que nas escolas academicamente eficientes há maior coesão entre os dois grupos. CALLISON (1991) recorreu ao telefone e ao correio para entrevistar bibliotecários públicos e escolares buscando verificar o nível de cooperação entre eles, sendo que os da escola secundária se mostraram mais cooperativos.

SWISHES et al (1991) estudaram as coleções de revistas de bibliotecas escolares (N=110) que atendiam crianças até o oitavo grau. A média foi de 23 títulos por Biblioteca, com uma variação de zero a 75, a maioria permitia a circulação das revistas entre os alunos e os títulos mais usados foram:

RANGER RICK, NATIONAL GEOGRAPHIC WORLD, BOY'S LIFE, e HIGHLIGHTS for CHILDREN. A maioria (84%) das revistas eram lidas como atividade de lazer e 50% das bibliotecas tinham serviço de indexação para as revistas.

VANMETER (1991) estudou a existência de materiais sobre "tópicos sensíveis" (AIDS, homossexualidade, violência familiar, abuso sexual da criança, incesto) em bibliotecas escolares de comunidades pequenas, médias e grandes. Encontrou grande procura por especialistas especialmente nas escolas secundárias e relação entre presença do tópico no currículo e procura de material.

MATTEWS e LONSDALE (1991) enfocaram o serviço de biblioteca para crianças hospitalizadas, o que representa muita dificuldade para os bibliotecários (especialmente para casos de curta permanência no hospital) mas é visto pelos bibliotecários e autoridades do Reino Unido como um serviço relevante.

KIRK(1992) estudou as variações de custos, em período de 15 anos e dos periódicos de bibliotecas universitárias. AZIAGBA (1991) estudou os usuários (alunos de último ano) de uma biblioteca universitária, verificando que o uso está vinculado principalmente ao trabalho de conclusão de curso. A principal fonte de indicação de leitura é o orientador, sendo pouco influente a equipe da biblioteca. A localização do material é feita na coleção do orientador, do próprio estudante ou da Biblioteca. Os problemas dos alunos estão no desconhecimento de como usar as várias fontes, nas limitações de uso da biblioteca, no pouco espaço para estudo na biblioteca, e na

falta de materiais e pouca receptividade por parte da equipe da biblioteca.

GROSSER E BAGNELL (1989) estudaram as perspectivas de estudantes universitários e de outros estudantes que usavam a biblioteca da Deakin University (Austrália) e a biblioteca pública. Esta última era mais usada por facilidade de acesso. Quanto maior o nível do curso menor o uso da biblioteca pública e maior o nível de intercâmbio com outras bibliotecas universitárias.

LAITINEN-KUISMA (1991) fez uma pesquisa de levantamento junto a bibliotecas públicas da Finlândia para verificar o status, os problemas e as necessidades das mesmas. Destaca a necessidade de cooperação entre elas e a deteriorização por problemas econômicos.

BADU (1991) estudou o efeito de um programa educacional para usuários da biblioteca da University of Ghana o que se mostrou eficiente.

ALEMNA (1991) estudou o papel das bibliotecas públicas na educação em Ghana, as quais oferecem serviços adequados mas ainda insuficientes, especialmente quanto aos materiais de que o usuário carece.

ONWUBIKO (1991) fez uma avaliação dos serviços da biblioteca de uma escola federal politécnica, da Nigéria, sendo que só 15% dos sujeitos consideraram que a coleção era relevante e de interesse e 73,3% consideraram inadequado o acervo de revistas.

NEWA (1990) estudou a atuação das bibliotecas nos programas nacionais de alfabetização nos países africanos do sul do Sahara, cobrindo, em uma pesquisa bibliográfica, 20 anos, destacando o papel dos recursos humanos das bibliotecas.

A síntese aqui apresentada é suficiente para indicar a variedade já referida, mas vale notar que não cobre a ampla gama de possibilidades e necessidades de pesquisa na área biblioteca e leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMNA, A. A. (1991) The role of public libraries in education: the case of Ghana. *Education Libraries Journal*, 34, 41-47.

- AZIAGBA, P. C. (1991) Library use by final year undergraduates under stringent conditions. **Library Review**, 40, 5-11.
- BELL, M. & TOTTEN, H. L. (1991) School climate factors relative to degrees of cooperation between public elementary school teachers and school library media specialists. **Library Quarterly**, 61, 293-310.
- BADU, E. E. (1991) The information seeking habits of graduate students in the University of Ghana. **Education Libraries Journal**, 34, 35-39.
- CALLISON, D. (1991) A national survey on public library and secondary library cooperation: do they know each other? **Indiana Media Journal**, 13, 17-21.
- GROSSER, K & BAGNELL, G. (1989) External students and public libraries: student perspectives. **Australian Library Journal**, 38, 303-317.
- KIRK, T. G. (1992) Periodicals in college libraries: are the challenges of rising subscription costs being met? **College & Research Libraries News**, 53, 94-97.
- LAITINEN-KUISMA, S. (1991) Does the library network? a survey of the public library network in Finland **Scandinavian Public Library Quarterly**, 24, 6-9.
- MATTHEWS, D. & LONSDALE, R (1991) Library services to children in hospital: a tale of two surveys. **Library Association Record**, 93, 455-456.
- NEWA, J. M. (1990) Libraries in national literacy education programmes in Africa south of the Sahara: the state-of-the art. **International Library Review**, 22, 73-94.
- ONWUBIKO, M. C. (1991) Evaluation of a polytechnic library service in a developing country: the case of the Federal Polytechnic Library in Bauchi State, Nigeria. **Library Review**, 40, 52, 58.
- SWISHER, R.; PYE, L D; ESTES-RICKNER; B. & MERRIAM, M. (1991). Magazine collections in elementary school library media centers. **School Library Journal**, 37, 40-43.
- VANMETER, V. L. (1991) Sensitive materials in V. S. public schools. **School Library Media Quarterly**, 19, 223-227.
- WEINTRAUB, S. (1993) **Annual Summary of Investigation Relating to Reading**. Newark, Del.:IRA.

PESQUISA EM ANDAMENTO NO CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA - 1993

BELKIS APARECIDA DONATO

Projeto de Pesquisa: Bibliotecário de referência: como vê a sua comunicação com o usuário. Aprovado em: 25/4/1993

Orientador(a): Dr. Silas Marques de Oliveira

CÉLIA MARIA CAMARGO CAMPOS

Projeto de Pesquisa: Análise das referências bibliográficas dos planos de disciplinas da Faculdade de Engenharia Mecânica. Aprovado em: 26/1/1993

Orientador(a): Dr^ª Geraldina Porto Witter.

CÉLIA REGINA SIMONETTI BARBALHO

Projeto de Pesquisa: Qualidade e unidades de informação: uma parceria em busca da melhoria. Aprovado em: 12/8/1993

Orientador(a): Dr^ª Vera Sílvia Marão Beraquet.

CIBELI MARTINS DOMINGUES

Projeto de Pesquisa: Discurso científico: análise das dissertações da Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP. Aprovado em: 26/1/1993

Orientador(a): Dr^ª Geraldina Porto Witter

DORMÉLIA PEREIRA CAZELLA

Projeto de Pesquisa: O usuário e a aplicação da informática na elaboração de instrumentos de pesquisa: o acervo do poder judiciário da UFSCar. Aprovado em 20/10/1993

Orientador(a): Dr. Silas Marques de Oliveira.

GEORGETE LOPES FREITAS

Projeto de Pesquisa: Estudo das fontes de informação na área de imunologia disponíveis nos sistemas de bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Universidade Federal do Maranhão. Aprovado em: 22/10/1993

Orientador(a): Dr^ª Vera Sílvia Marão Beraquet.

JOANA D'ARC DA SILVA PEREIRA

Projeto de Pesquisa: Satisfação na busca da informação: caracterização do usuário da biblioteca central da UNICAMP. Aprovado em: 26/8/1993
Orientador(a): Dr^a Vera Silvia Marão Beraquet

LAFAIETE DA SILVA CARVALHO

Projeto de Pesquisa: Correlação entre uso e estrutura de bibliotecas escolares. Aprovado em: 21/3/1993
Orientador(a): Dr. Silas Marques de Oliveira.

MARCELY BENTO RANGEL

Projeto de Pesquisa: Metodologia para a construção de vocabulário para a recuperação temática de vídeos. Aprovado em: 25/3/1993
Orientador(a): Dr^a Else Benetti Marques Válio.

MARIA APARECIDA LOPES DA CRUZ

Projeto de Pesquisa: Programa bibliotecário básico para o desenvolvimento pessoal. Aprovado em: 7/12/1993
Orientador(a): Dr^a Geraldina Porto Witter.

MARIA DE FATIMA GUIMARÃES

Projeto de Pesquisa: Arquivo do poder judiciário da comarca de Bragança Paulista: um sistema de informação sobre a perspectiva da cidadania. Aprovado em: 29/4/1993
Orientador(a): Dr^a Else Benetti Marques Válio.

MARTA ALVES DE SOUZA

Projeto de Pesquisa: Mercado de trabalho do profissional bibliotecário na cidade de São Paulo. Aprovado em 23/4/1993
Orientador(a): Dr^a Geraldina Porto Witter.

MARTA LÍGIA POMIM VALENTIM

Projeto de Pesquisa: Informação tecnológica para indústria: o valor agregado no produto final. Aprovado em: 25/2/1993
Orientador(a): Dr. Silas Marques de Oliveira.

RAIMUNDA RAMOS MARINHO

Projeto de Pesquisa: Disponibilidade e uso de bases de dados institucionais estrangeiros no sistema da EMBRAPA. Aprovado em: 17/12/1993
Orientador(a): Dr^a Cecília Carmen Cunha Pontes

RUTE BATISTA DE PONTES

Projeto de Pesquisa: O conceito de leitura entre bibliotecários de bibliotecas universitárias: estudo comparado entre as regiões nordeste e sudeste do Brasil. Aprovado em: 18/3/1993
Orientador(a): Dr^a Else Benetti Marques Válio

SANDRA LÚCIA PEREIRA

Projeto de Pesquisa: Arquivos privados: análise deste conceito no arquivo Edgard Leuenroth (AEL) e central de documentação e informação professor Casemiro dos Reis Filho (CEDIE) através dos instrumentos de pesquisa. Aprovado em: 29/4/1993
Orientador(a): Dr^a Geraldina Porto Witter.

SONIA MARIA MARQUES DE OLIVEIRA

Projeto de Pesquisa: Atitudes de planejamento em bibliotecários de instituição universitárias brasileiras. Aprovado em: 20/10/1993
Orientador(a): Dr. Silas Marques de Oliveira

SUSY MARY NUNES DE OLIVEIRA PREGNOLATTO

Projeto de Pesquisa: Orientação no trabalho de pesquisa bibliográfica - uma contribuição interdisciplinar na formação do usuário de biblioteca universitária. Aprovado em: 18/2/1993
Orientador(a): Dr^a Else Benetti Marques Válio

DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS E APROVADAS NO CURSO DE MESTRADO EM BIBLIOTECONOMIA

CASTRO, César Augusto. Leitura de adultos com escolaridade tardia: estudo de caso dos alunos do curso supletivo da PUCCAMP. Defendida em: 16/12/1993.

Orientadora: Dr^a Else Benetti Marques Válio.

MENEZES, Estera Muszkat. Produção científica dos docentes da Universidade Federal de Santa Catarina: análise quantitativa dos anos de 1989 e 1990. Defendida em: 9/12/1993.

Orientadora: Dr^a Dinah Aguiar Población.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Preconceito e racismo na coleção de História do Brasil de 5^a e 6^a série do primeiro grau: uma investigação do bibliotecário escolar. Defendida em: 25/9/1993.

Orientadora: Dr^a Else Benetti Marques Válio.

OLIVEIRA, Nirlei Maria. Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras. Defendida em: 17/9/1993.

Orientador: Dr. Silas Marques de Oliveira.

RODRIGUES, Eunice Mancebo. O bibliotecário: automação e satisfação no trabalho. Defendida em: 06/08/1993.

Orientadora: Dr^a Geraldina Porto Witter

BALDOVINOTTI, Janis Aparecida. Sistema de informação para a área de instrumentação agropecuária: o planejamento estratégico no diagnóstico das necessidades de informação. Defendida em 28/06/1993.

Orientadora: Dr^a Cecília Carmen Cunha Pontes.

COELHO, Valdete Aurea. Literatura cinza: gerador e usuário no processo de divulgação da produção técnico-científica de um instituto de pesquisa. Defendida em: 08/06/1993

Orientadora: Dr^a Cecília Carmen Cunha Pontes.

MARTINS, Ledenice Simão. Análise do desenvolvimento profissional dos bibliotecários do sistema de bibliotecas - Unicamp. Defendida em: 21/01/1993.

Orientadora: Dr^a Cecília Carmen Cunha Pontes.

NORMAS EDITORIAIS DE "TRANS-IN-FORMAÇÃO"

1. Serão aceitos originais considerados inéditos para a publicação, embora tenham sido submetidos a processos considerados de domínio informal (congresso, seminários e similares), caso em que a referência ao evento deve constar em nota de rodapé.

2. Serão aceitos textos em português, espanhol, inglês ou francês, que se enquadrem em uma das sessões da revista. O(s) autor(es) deve(m) indicar a sessão, desde que aprovados por membros do corpo editorial.

3. Para publicação o artigo deverá ter a aprovação de, pelo menos, dois avaliadores, os quais emitirão parecer às cegas, isto é, sem conhecimento do nome(s) do(s) autor(es) ou da instituição a que está vinculado. Somente o presidente saberá o nome dos avaliadores.

4. Os artigos poderão ser aceitos sem restrições, com pequenas mudanças, com grandes alterações, ou rejeitados. Quando as alterações forem poucas e tratarem de aspectos formais, ou ainda com vistas apenas à manutenção da homogeneidade e da qualidade da publicação, a redação fará as mudanças necessárias, respeitando, todavia, o estilo e as opiniões dos autores. Nos demais casos o autor se encarregará da reformulação.

5. Os avaliadores terão prazo máximo de 30 dias para emissão de seus pareceres, cujas cópias anônimas serão enviadas aos autores.

6. A própria comissão editorial se encarregará da revisão das provas tipográficas.

7. O conteúdo dos trabalhos são da exclusiva responsabilidade de seus autores.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHO

FORMATO:

Todas as colaborações devem ser datilografadas em papel branco, tamanho A4 (21 x 29,7cm), com entrelhamento duplo, com 30 linhas, observadas a ortografia oficial. A primeira página do original deverá conter: título do artigo, nome completo do autor e endereço da instituição a que está vinculado. As páginas serão numeradas consecutivamente no canto superior direito. Cada trabalho terá no máximo 25 laudas datilografadas.

RESUMO:

Deve ser incluído um resumo informativo, de aproximadamente 100 palavras, em português, acompanhado de sua tradução para o inglês, inclusive o título, datilografado com entrelinhamento duplo, na segunda página do original, incluir palavras-chave (key-word).

NOTA DE RODAPÉ:

Só é permitida na 1ª lauda e para indicar vínculo profissional, auxílios recebidos, apresentação em eventos de créditos.

ILUSTRAÇÕES:

1. Fotografias, devem ser nítidas, em papel brilhante, preto e branco, tamanho máximo 9 x 14cm.
2. Figuras, devem ser apresentadas em papel, em preto e branco, de preferência à Nankin, tamanho máximo 20 x 30cm.
3. Quadros e tabelas: devem ser acompanhados de título que permita compreender o significado dos dados reunidos. Assinalar, no texto pelo número de ordem, o local de inclusão. Para reimpressão de Fotografias, Figuras, Quadros e Tabelas extraídos de outros textos deve ser indicada a fonte de referência e anexada as autorizações da fonte e do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

As referências bibliográficas, redigidas segundo a norma da NBR-6023/1989 da ABNT, deverão ser numeradas no texto, segundo a ordem alfabética com que se apresenta no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor. No artigo de Dinah Aguiar Población, publicado no número 1 da revista, o autor encontra normas explicativas quanto ao aspecto aqui focalizado. Separatas do referido artigo podem ser solicitadas à Secretaria da Revista mediante pagamento.

ENCAMINHAMENTO:

Enviar à Secretaria da Revista com carta em que conste a anuência para publicação; caso de mais de um autor, todos devem assinar o documento.

